



Universidade Federal
de Campina Grande



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

EDNA FERREIRA PARNAÍBA

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM:
ASPECTOS CONSTITUTIVOS NA MEDIAÇÃO ADULTO/CRIANÇA**

CAJAZEIRAS PB
2018

EDNA FERREIRA PARNAÍBA

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM:
ASPECTOS CONSTITUTIVOS NA MEDIAÇÃO ADULTO/CRIANÇA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras PB, como requisito avaliativo parcial para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Luísa de Marillac Ramos Soares

CAJAZEIRAS PB
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

P256a Parnaíba, Edna Ferreira.
A afetividade no processo de ensino-aprendizagem: aspectos constitutivos na mediação adulto/criança / Edna Ferreira Parnaíba. - Cajazeiras, 2018.
92f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Luísa de Marillac Ramos Soares.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2018.

1. Afetividade. 2. Relação família-escola. 3. Aprendizagem. 4. Desenvolvimento integral. I. Soares, Luísa de Marillac Ramos. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37.064.1

EDNA FERREIRA PARNAÍBA

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM:
ASPECTOS CONSTITUTIVOS NA MEDIAÇÃO ADULTO/CRIANÇA**

Trabalho monográfico apresentado para o curso de Pedagogia do CFP/UFCCG. Como requisito avaliativo parcial para obtenção do título de graduada em Pedagogia.

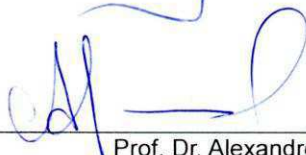
Banca Examinadora



Prof.ª. Dra. Luisa de Marillac Ramos Soares (Orientadora)



Prof. Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes



Prof. Dr. Alexandre Martins Joca

Prof. Me. Danilo de Souza Cesário

O professor autoritário; o professor licenciado; o professor competente, sério; o professor incompetente, irresponsável; o professor amoroso da vida e das gentes; o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (Paulo Freire).

À Deus, minha mãe Helena, minha irmã Elza, meus avós maternos, Maria José e Osmar, meus avós paternos, Antônio e Maria (*in memoriam*) e meu amor, Aldanilo.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que não conseguiria sozinha. Por isso, agradeço à Deus por ser uma fonte inesgotável de força e coragem de lutar. Por, diante das pequenas coisas, mostrar que sou capaz de conseguir tudo que mais desejo. E por não desistir de mim, mesmo em situações em que demonstrei uma fé abalada.

À minha família, por sempre acreditar em mim e me ajudar nesta caminhada. À minha mãe, Helena Ferreira Parnaíba, por ser minha base e mostrar que sempre poderei contar com ela. Por ser a mãe e pai que todos desejam e precisam, para se tornar cidadãos de bem. Ao meu pai, José Quaresma Ferreira (*in memoriam*), que apesar de ter nos deixado precocemente, está sempre em meu coração e por ser um motivo para continuar caminhando e enfrentando os desafios da vida.

Em especial, ao meu amor, José Aldanilo Parnaíba, por ser meu porto seguro, por sempre me ajudar e me fazer acreditar em mim. Por ser o equilíbrio que preciso para enfrentar as dificuldades do dia a dia.

Aos meus professores, os quais são responsáveis pela minha construção profissional, pois cada um, de maneira especial, contribuiu para a profissional que desejo me tornar.

À melhor orientadora que poderia ter, Luísa de Marillac, por ser um ser iluminado, responsável e compreensível. A ela, meu sincero, muito obrigada.

Às minhas amigas, anjos que Deus me enviou, Ânglidimogean e Kaliane Kelly. Acredito que Ele as enviou-me para que eu cuidasse delas também (elas dão muito trabalho). Obrigada por estarem sempre comigo.

Aos professores Dr. Wiama de Jesus Lopes Freitas, Dr. Alexandre Martins Joca e Me. Danilo de Souza Cesário, pela disponibilidade em fazer parte desse momento importante para minha formação e contribuir, de forma significativa, neste trabalho e durante o curso.

Agradeço, de forma especial, a todos os participantes da pesquisa que, de forma voluntária, estiveram prontos para ajudar e por acreditarem no trabalho que propomos a desenvolver. Destacamos e agradecemos a participação da gestora. Ela esteve sempre presente, nos auxiliando na pesquisa e oferecendo os subsídios necessários para que esse estudo fosse possível. Obrigada a todos!

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a discutir e analisar a relação estabelecida entre afetividade, aprendizagem, família e escola. Entendendo que a afetividade e a aprendizagem devem andar juntas no processo de desenvolvimento do indivíduo em parceria com a família e a escola. Diante de um levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, abordamos questões relevantes no que se refere a estas relações e o desenvolvimento da criança, enquanto ser histórico, cultural, emocional e social, integrada a uma sociedade. A pesquisa de campo consistiu na utilização de quatro tipos de instrumentos de coletas de dados, são eles: Questionário sociodemográfico; Teste de Associação Livre de Palavras (TALP); Entrevista semiestruturada; e O Teste do Par Educativo (TPE). O público alvo da pesquisa foi constituído por: duas professoras do Ensino Fundamental I; 17 alunos do Fundamental I, dispostos em duas turmas multiseriadas; 16 pais/responsáveis e a gestora da escola de uma escola multiseriada no município de Santa Helena PB. Tendo como principal objetivo, apreender e analisar as implicações da afetividade na formação da criança a partir da sua relação com a família e a escola. Com base na pesquisa bibliográfica e a partir da análise dos dados, podemos concluir que a mediação adulto/criança é constituída por diversos elementos, alguns são tão simples que podem passar despercebidos, mas que fazem grande diferença. Os resultados apontam para necessidade, cada vez maior, de interação positiva e da união entre a família e a escola, para a maximização do desenvolvimento integral dos alunos/crianças.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Desenvolvimento Integral. Família/Escola.

ABSTRACT

This paper proposes to discuss and analyze the relationship established between affectivity, learning, family and school. Considering that affectivity and learning must be interconnected in the process of individual's development in partnership with family and school. Faced with a bibliographical survey and field research, was addressed relevant issues regarding to these relationships and the development of the child, as a historical, cultural, emotional and social being integrated into a society. The field research consisted in the use of four types of instruments of data collection, such as: Socio-demographic questionnaire; Free Word Association Test (TALP); Semi structured interview; and The Educational Pair Test (TPE). The target audience of the research was constituted by: two primary school teachers ; 17 students from primary school, arranged in two multiseriate classes; 16 parents / guardians and the school manager of a multi-grade school in Santa Helena city Paraíba state. The main objective was, to apprehend and to analyze the implications of the affectivity in child formation from its relation with the family and school. Based on the bibliographic research and from data analysis, was conclude that adult / child mediation consists of several elements, some of them are so simple that they may go unnoticed, but that make a big difference. The results point to the growing need for positive interaction and the union between the family and school, in order to maximize the integral development of students / children.

Key-words: Affectivity. Learning. Integral Development. Family/School.

LISTA DE SIGLAS

CFP	Unidade Acadêmica de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
TALP	Teste de Associação Livre de Palavras
TPE	Teste do Par Educativo
UAE	Unidade Acadêmica de Educação
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	17
2.1 Relação afetividade-aprendizagem	17
2.2 Relação professor-aluno e o desenvolvimento da aprendizagem	20
2.3 O papel da família no desenvolvimento integral dos filhos	21
3 PROCEDIMENTO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	24
a. Público-alvo.....	25
b. Abordagem e instrumentos utilizados.....	25
c. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	28
3.1 Questionário com a gestora.....	29
3.2 Perfil sociodemográfico das entrevistadas.....	32
3.2.1 <i>As professoras</i>	32
3.2.2 <i>As mães das crianças</i>	33
3.3 Relação Professor-Aluno: segundo as professoras.....	33
3.4 Relação Família-Escola: visão dos Pais/responsáveis.....	35
3.5 Relação Professor-Aluno: a entrevista.....	41
3.6 Relação Família-Escola: a entrevista.....	49
3.7 Teste do Par educativo: o desenho fala.....	57
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
5 REFERÊNCIAS	71
ANEXO A -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO I.....	75
ANEXO B -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO II.....	76
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	78
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO I.....	79
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO II.....	80
APÊNDICE D - TESTE ADE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS (TALP) I....	81
APÊNDICE E - TESTE ADE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS (TALP) II..	82
APÊNDICE F - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I.....	83

APÊNDICE G - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II.....	84
APÊNDICE H - TESTE DO PAR EDUCATIVO (TPE)	85
APÊNDICE I – DESENHOS DAS CRIANÇAS.....	86

1 INTRODUÇÃO

Entender cada fase da criança, saber identificar o que cada uma precisa, em cada etapa, não é uma tarefa fácil. A dificuldade está em compreender que cada criança é singular, cada uma tem seu tempo, tem uma realidade e cada realidade, quando não entendida ou entendida de forma equivocada, trará consequências ao longo de suas vidas.

Neste sentido, vemos a importância de se estudar, de forma mais detalhada, como se dá a mediação com as crianças, desde seus primeiros contatos com a escola, por se tratar de um momento de transição, sensível e intenso, entre a família e a escola.

Assim, quando a criança entra na escola, conhece um novo mundo, no entanto, ela chega com experiências, as quais ampliam e interferem, nesse contato com o novo. Ou seja, quando a criança entra na escola, ela já traz uma “bagagem” de conteúdos históricos e socioculturais, que deve ser respeitada. E, portanto, o professor não pode ver essa criança como um “ser neutro”, e moldável, mas sim, entender que as novas experiências que serão vividas devem complementar e enriquecer as que a criança já traz consigo.

A forma como a criança é vista e tratada, nos ambientes de convivência, irá interferir, direta ou indiretamente, em seu desenvolvimento integral. Neste sentido, procuramos analisar a relevância da contribuição dos adultos, no desempenho de seus papéis e o que eles podem fazer para auxiliar suas crianças, em seu desenvolvimento.

Apresentamos, neste sentido, a afetividade como fator indissociável na construção da aprendizagem, no processo de desenvolvimento das crianças e na relação com os adultos. Como nos apresenta Almeida e Mahoney (2007, p. 17), afetividade “refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo, externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”.

Nesta perspectiva, a escolha desse tema se deu mediante atuação como professora substituta, em uma escola na zona rural na cidade de Santa Helena-PB, onde foi possível perceber que, em sua maioria, embora com exceção, as crianças que recebiam maior atenção pelas famílias e pela professora na escola, conseguiam

se desenvolver melhor no que diz respeito às atividades escolares, gerando maior aprendizagem.

A pesquisa e as análises serão embasadas em estudos, nos quais destacamos Henri Wallon (1995, 1975) com a teoria da afetividade. O destaque em Wallon se dá pelo fato dele ser um dos primeiros estudiosos a entender que as crianças precisam ser compreendidas na sua totalidade. Estudamos também, textos dos autores: Andrade (2010); Almeida e Mahoney (2007); Chechia e Andrade (2005); Paro (2000), Freire (1996); entre outros.

Portanto, objetivamos discutir sobre a relação existente entre a afetividade e o desenvolvimento da criança, promovido tanto pela família (em casa), quanto por professores (na escola). Tendo como objetivo geral: Apreender e analisar as implicações da afetividade na formação da criança a partir da sua relação com a família e a escola. E os específicos: Analisar o papel do professor, no tocante ao afeto com as crianças em sala de aula; Verificar a abordagem da dimensão afetiva na formação docente; Identificar as implicações dos estímulos familiares em relação à aprendizagem de seus filhos; Reconhecer a afetividade na relação aprendente/ensinante a partir das projeções das crianças.

Neste sentido, surge o seguinte questionamento: Existe relação entre os estímulos, recebidos da família e da escola, e as capacidades e competências das crianças?

Para tentar responder tal pergunta, realizamos a pesquisa de campo em uma escola municipal na zona rural do Sítio Malhada Bonita, da cidade de Santa Helena-PB. Para obtenção dos dados, utilizamos quatro tipos de instrumentos, são eles: Questionário sociodemográfico – realizado com as professoras, a gestora e os pais/responsáveis; Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) – aplicado às professoras e aos pais/responsáveis; Entrevista semiestruturada – com as professoras e os pais/responsáveis; e O Teste do Par Educativo (TPE), com as crianças. O público alvo da pesquisa é constituído por: duas professoras do Ensino Fundamental I; 17 alunos do Fundamental I, dispostos em duas turmas multisseriadas; 16 pais/responsáveis e a gestora da escola.

Assim, esse trabalho divide-se em três tópicos de discussão: No primeiro, abordamos a Relação afetividade-aprendizagem, que traz os conceitos e a importância, enfocando a emoção como uma das principais maneiras de demonstração do afeto; A relação professor-aluno e o desenvolvimento da

aprendizagem, no qual discute o importante papel do professor, bem como da escola em geral, no desenvolvimento do aluno; e o papel da família no desenvolvimento integral dos filhos, em que aborda a relevância da presença ativa da família na vida educacional de seus filhos, auxiliando-os no desenvolvimento integral dos mesmos. No segundo, apresentamos os procedimentos, análise e discussão dos dados. Por fim, as considerações finais, em que trazemos uma visão geral em relação às análises e os resultados obtidos na pesquisa, apontando para a importância de se estabelecer relações positivas entre os agentes envolvidos no processo de desenvolvimento integral das crianças, família e escola, bem como, a relação afetiva-positiva com as próprias crianças.

2. A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Discutimos a seguir, pontos relevantes no estudo entre a afetividade e a aprendizagem, da relação professor aluno e suas interferências no desenvolvimento da aprendizagem e finalizamos com uma discussão acerca do papel da família no desenvolvimento integral dos seus filhos. Apresentamos neste capítulo, as teorias, conceitos e ideias dos principais autores estudados que discorrem sobre a temática.

2.1 Relação afetividade-aprendizagem

É indiscutível a relação entre afetividade e o desenvolvimento processual do indivíduo. Tudo que nos afeta, positiva ou negativamente, nos faz adquirir conhecimentos. Quando somos afetados positivamente, nos instiga interesse, curiosidade, bem como, uma motivação de ir à procura de respostas, de saber mais, e conseqüentemente, aprendemos com essa procura, estimulando, assim, nossa inteligência. No entanto, quando algo nos afeta negativamente, em qualquer espaço que estejamos ocupando, poderemos nos sentir retraídos, obstaculizando o processo de aquisição de conhecimentos. Nesta perspectiva, Wallon (1995, p.33), discorre que:

O espaço não é primitivamente uma ordem entre as coisas, é antes uma qualidade das coisas em relação a nós próprios, e nessa relação é grande o papel da afetividade, da pertença, do aproximar ou do evitar, da proximidade ou do afastamento.

O autor ainda acrescenta afirmando que o ambiente afeta a criança, no sentido de entusiasma-la ou afastá-la desse espaço, ou seja, até a maneira como as cadeiras e os objetos estão organizados em sala comprometem a interação da criança com o ambiente. Quando a criança se sente à vontade neste, ela consegue se socializar melhor com as outras e, em contraponto, quando ela não se sente à vontade, ela tende a se afastar e se isolar.

Portanto, temos o conceito de afetividade como a capacidade de nos “contagiar”, seja pelo mundo externo ou interno, e as sensações que advém desde afeto (SALLA, 2011). Na teoria da afetividade, Wallon aponta três momentos marcantes, que sucedem a esta, são eles: emoção, sentimento e paixão. Os quais

são resultantes de fatores orgânicos e sociais. Na emoção predomina a ativação do fisiológico, no sentimento ativa-se o representacional e na paixão, o autocontrole. (ALMEIDA; MAHONEY, 2007).

Wallon (1986) destaca a emoção, como uma necessidade orgânica do ser humano, faz parte da formação do indivíduo. Quando nascemos, já utilizamos a emoção para satisfazer nossas necessidades fisiológicas, para demonstrar o que estamos sentido ou precisando. Assim, o primeiro contato do indivíduo é com outro ser humano, e quando este expressa suas emoções, estabelece as primeiras relações sociais.

A emoção em sala de aula é muito intensa. Como já foi dito, tudo afeta direta ou indiretamente, o comportamento das crianças e estas, por sua vez, respondem ao ambiente. Para Wallon (1986), quando o aluno está em uma situação de fragilidade, seja ela emocional ou de outro caráter, tende a comprometer e interferir em todas as suas relações, com todos à sua volta. Assim, podemos notar a relação de interdependência entre o professor e a criança, no tocante às suas próprias vidas.

Neste sentido, vê-se a importância de se estudar, de forma mais detalhada, como é a mediação para com a criança, desde seus primeiros contatos com a escola, por se tratar de um momento de transição complicado e intenso. Para Borges (1987, p. 03 *apud* TAZINAZZO, 2012, p.11):

Cabe ao professor, proporcionar um ambiente agradável que facilite a adaptação da criança, nesse primeiro contato com a escola, demonstrando que gosta dela e se interessa por ela, uma vez que a transição dá um impacto muito grande e, por isso mesmo, exigirá, tanto do professor como dos pais, grande compreensão e paciência.

Os sentimentos se constroem a partir das relações que as pessoas estabelecem. E essas relações vão auxiliar na formação do sujeito, bem como, na visão que cada um tem de si. Ou seja, diante das relações que estabelecemos com os outros, e as respostas dessas relações, vamos construindo enquanto ser social. Assim, Wallon (1995) explica que a mediação *eu* e o *outro*, bem como as inter-relações, é o que vão contribuir na evolução da personalidade do indivíduo.

Neste sentido, as emoções e a afetividade precisam estar em harmonia nas ações cotidianas de todos que fazem a escola em geral. Pois o campo afetivo se

constrói a partir das relações que a criança estabelece com todos a sua volta. Diante dessas relações, se constroem sinais afetivos, que se consolidam como sentimentos. E serão estes sentimentos que vão determinar a forma de o indivíduo agir e interagir com e no mundo (PAROLIN, 2015). E conseqüentemente, promove situações de aprendizagem.

Assim, Andrade (2010, p.32) destaca:

A aprendizagem é o processo através do qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece, e para que o sujeito aprenda necessitará interagir com outros seres humanos, especialmente com os adultos, e com outras crianças mais maduras [...].

Assim, como a afetividade, a aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento do indivíduo. Aprender algo remete ao processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, valores, etc., os quais são adquiridos mediante um estudo, uma experiência, observação. O ato de aprender ocorre de diferentes formas, a depender do sujeito, bem como, da forma de interação entre ele e o meio, ou seja, cada pessoa aprende de uma determinada maneira, pelo fato do meio afetar cada indivíduo de forma particular, podendo estar sujeito a fatores internos, psicológicos e biológicos.

Assim podemos afirmar que,

Os alunos não precisam de guias espirituais, nem de catequizadores. Eles se constroem encontrando pessoas confiáveis, que não se limitam a dar aulas, mas que se apresentam como seres humanos complexos e como atores sociais que encarnam interesses, paixões, dúvidas, falhas, contradições [...] atores que se debatem como todo mundo, com o sentido da vida e com as vicissitudes da condição humana. (PERRENOUD, 2005, p.139).

Nesta perspectiva, vimos a relevante relação entre a afetividade e a aprendizagem, uma vez que a maneira como a criança se sente no ambiente, faz com que ela interaja de forma significativa, ou não, para seu desenvolvimento. A mediação por parte do professor, ou do adulto responsável, fará com que o aluno/criança, se interesse em aprender coisas novas e veja significação nos objetos e no meio em que estão inseridos.

Chamamos atenção aqui para o termo mediação, pois como fala Perrenoud (2005), o adulto responsável pela criança não precisa, nem deve, entregar tudo

pronto para a criança, mas sim mediar a construção do conhecimento, tornando o processo educacional mais vivo e significativo.

2.2 Relação professor-aluno e o desenvolvimento da aprendizagem

Um ponto a ser explanado aqui é a questão de como o professor se sente em sala de aula, ou seja, para que o professor consiga auxiliar no desenvolvimento cognitivo de seus alunos, bem como no processo de desenvolvimento emocional desses, o professor também precisa estar emocionalmente centrado. Quando este profissional não se sente bem em sala – e isso pode acontecer por vários fatores -, ele não consegue ajudar seus alunos, nem consegue se relacionar de forma positiva com os mesmos.

Sabemos da importância de uma relação afetiva-positiva entre o professor e o aluno, no processo de desenvolvimento da aprendizagem. Sabemos também que quando essa relação acontece de forma boa, tende a contribuir para um melhor rendimento escolar. Isto diz respeito ao aluno se sentir acolhido naquele ambiente, vendo que tem aquela figura adulta – que em alguns casos, é a única – que se preocupa com ele. Assim, o aluno tende a se esforçar em sala para desempenhar suas atividades.

E quando a relação afetiva ocorre de forma negativa, o aluno tende a se isolar e não procurar contato com o professor, dificultando assim, seu desenvolvimento. Porém, esse isolamento pode ocorrer também por parte do professor, quando este não se sente bem em seu ambiente de trabalho e em suas relações interpessoais.

Segundo Freschi e Freschi (2013), todas as relações dentro do espaço escolar são o reflexo do rendimento escolar. Uma boa relação entre as pessoas que fazem parte da escola é fundamental para que o trabalho e o ato de ensinar sejam prazerosos e quando alguma dessas relações não estiver equilibrada, faltará motivação, ou seja, não existirá a harmonia necessária ao processo educativo, comprometendo assim, o desenvolvimento da escola.

Segundo Galvão (1995), Wallon foi um dos primeiros estudiosos a levar em consideração as emoções das crianças em sala de aula, e não apenas o corpo. Suas ideias baseiam-se nos quatro elementos básicos que se comunicam entre si, que são: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. E foi a partir de estudos como esses que surgiu uma nova visão de

educação. A de que o educar deve ser muito além de mediar conteúdos, mas também de ajudar o aluno a tomar conhecimento do seu eu, da sociedade em geral, e do seu papel enquanto ser social (WALLON, 1975).

Nesta perspectiva, vemos que a afetividade pode ser considerada um instrumento necessário para que ocorra a adaptação do aluno em sala, e auxilia em seu desenvolvimento. O afeto é importante para que o aluno se sinta valorizado nesse ambiente.

2.3 O papel da família no desenvolvimento integral dos filhos

Outro agente de grande importância no processo de desenvolvimento da criança é a família. Essa tem um papel relevante no processo educacional de seus filhos, tal papel é assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (BRASIL, 1996) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990). A família precisa estar ciente de seu trabalho nesse processo. É preciso que ela tenha consciência de que o lar e as relações que se estabelecem nesse ambiente são de fundamental importância para o desenvolvendo de sua criança, enquanto ser integrado a uma sociedade.

Independente da constituição familiar em que a criança se encontra essa não está isenta de proporcionar à suas crianças a educação, o cuidado e o acolhimento. Ainda continua sendo papel da família à educação. Como discorre Souza (2009, p.14):

A família se modifica através da história, mas continua sendo um sistema de vínculos afetivos onde se dá todo o processo de humanização do indivíduo. Um ambiente familiar estável e afetivo parece contribuir de forma positiva para o bom desempenho escolar da criança. [...]

A criança precisa ter os primeiros contatos com educação em suas casas, e em seus ambientes familiares. E quando falamos em educação, não estamos nos reportando à educação formal que tem como responsável, a escola, mas sim, a educação de valores, normas, atitudes, religião, entre outros. Pois mesmo sabendo da importância da escola, ela precisa ser complementar à educação da família, e esta, por sua vez, também deve ser complementar à educação recebida na escola.

No entanto, o que estamos presenciando nos dias atuais é que a família deposita toda a responsabilidade da educação e cuidados das crianças, à escola. A família vê os professores como responsáveis pela educação integral de seus filhos.

Todavia, nos deparamos com situações contrárias, ou seja, existem algumas famílias que sabem que têm esse papel de educar e de ajudar seus filhos nas atividades da escola, mas, não sabem como fazer isso. Então é preciso que a escola convide a família a participar da vida educacional de seus filhos. Para Piaget (2007, p.50).

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...].

A família pode participar de várias formas, como no acompanhamento das tarefas e trabalhos escolares, conversar com eles sobre seu dia na escola, estabelecer horários de estudo e tentar estar sempre informado sobre tudo da escola.

Voltamos aqui para a importância da afetividade, desta vez, a relação afetiva-positiva entre família e filhos. Em muitos casos, quando os pais demonstram se preocupar com o filho e com o que ele aprende, bem como, porque não aprende tal assunto, a criança percebe que é amada e tenta responder a esses cuidados. Mesmo não sendo uma verdade absoluta, pois sabemos que existem casos em que os pais não demonstram se preocupar com o que seu filho aprende, e as crianças simplesmente aprendem por sua motivação interior.

Assim vemos o quanto às primeiras relações que a criança estabelece são fundamentais para seu desenvolvimento nos diferentes ambientes de convívio. A família não é a única responsável para tratar a questão de contribuir para a construção do ser social, mas é com certeza, a melhor instância para iniciar esse processo, pois se trata do primeiro grupo responsável por essa tarefa.

O trabalho para o bom desenvolvimento da criança deve ser exercido por todos os agentes envolvidos neste processo, família, professores e escola em geral, e sociedade. De nada adianta a escola oferecer materiais avançados, brinquedos

bem elaborados e atividades recreativas, se a família não está junto. A criança precisa se sentir amada e acolhida, precisa estar bem, onde estiver.

Para Piaget (1977, p.16):

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização [...] Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão [...] O ato de inteligência pressupõe, pois, uma regulação energética interna.

Segundo o referido autor, o desenvolvimento cognitivo está diretamente ligado ao desenvolvimento afetivo, e não simplesmente a existência desse afeto, mas de sua qualidade. Ainda, os laços afetivos construídos em seio familiar é a base para formação da criança. Assim, acreditamos que a qualidade desta base fará com que haja uma boa adaptação desta criança em uma sala de aula, e essa adaptação implicará no melhor recebimento das informações e conhecimentos construídos na escola, e assim a criança irá se desenvolver integralmente.

Ante ao exposto podemos considerar a importância deste estudo, bem como das discussões aqui apontadas, no tocante a repensarmos as relações que circundam o processo educativo, assim como, o processo de estabelecimento das próprias relações e de como a afetividade (emoções, sentimentos e paixões) se “comportam” nesse processo. É relevante os apontamentos no que se refere a estabilidade afetiva dos agentes envolvidos nesse processo. A escola, a família, a comunidade, o meio e o indivíduo em si, precisam reconhecer-se como agentes transformadores e mediadores da construção integral de um aluno/criança.

3. PROCEDIMENTO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.

A cidade de Santa Helena, no Estado da Paraíba, está localizada a 498 km da capital João Pessoa. Nesta cidade existem oito escolas municipais, destas, quatro funcionam na zona rural. Escolhemos trabalhar com uma escola do campo, no Sítio Malhada Bonita. Por se tratar da comunidade onde residimos. A escolha do *lócus* parte da necessidade de conhecer melhor o funcionamento da escola e trazer contribuições, a partir dos resultados obtidos na pesquisa, para a melhoria desta comunidade, pois acreditamos que para conseguir lidar com possíveis problemas envolvendo nosso ambiente de trabalho, bem como da educação em geral, precisamos começar entendendo nossa realidade.

Antes de partirmos para uma discussão do que é o conhecimento científico, bem como, como este deve ser trabalhado, é pertinente abordarmos sobre o que vem a ser a Ciência. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 14), “etimologicamente, o termo ciência provém do verbo em latim *Scire*, que significa aprender, conhecer”. Neste sentido, temos ciência como instrumento que nos leva a conhecer algo, no entanto, se diferencia do senso-comum, pois apesar de o senso-comum também ser analisado como um “instrumento da aprendizagem”, a ciência é considerada atividades que abrangem o aprendizado de uma maneira mais racional. Ou, como aponta Lakatos e Marconi (2007, p. 80 apud PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 14), ciência é “um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”.

Assim, podemos entender o conhecimento científico como o ato de aprender algo a partir de observações e experimentações, seguindo o percurso racional, diante de proposições lógicas. É necessário que se tenha uma dúvida e, a partir daí, buscar respondê-la diante de estudos, construindo assim, o conhecimento. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 22):

O conhecimento científico difere dos outros tipos de conhecimento por ter toda uma fundamentação e metodologias a serem seguidas, além de se basear em informações classificadas, submetidas à verificação, que oferecem explicações plausíveis a respeito do objeto ou evento em questão.

Os referidos autores trazem ainda, alguns critérios que um conhecimento precisa “atender” para ser visto como científico. Usando o termo “critérios de

cientificidade”, tais como: objeto de estudo bem-definido e de natureza empírica; objetivação; discutibilidade; originalidade; coerência, entre outros.

A pesquisa científica, como explica Gil (2007, p. 17), pode ser entendida como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Nesta perspectiva, o autor discorre que uma pesquisa científica não pode partir apenas do desejo de promover ou construir aprendizagem, mas sim do conhecimento que o pesquisador tem de si mesmo, no sentido de conhecer suas limitações de domínio sobre tal assunto, bem como, limitações nos recursos humanos e financeiros. A pesquisa científica será, portanto, o percurso formal e sistemático de desenvolver determinado método científico (GIL, 2018).

a. Público-alvo

A pesquisa foi desenvolvida com pessoas ligadas diretamente ou indiretamente ao Ensino Fundamental I de uma Escola Pública na zona rural, do município de Santa Helena – PB. Tal público é composto por 17 alunos, 2 professoras, 16 pais/responsáveis e uma gestora.

b. Abordagem e instrumentos utilizados

A abordagem utilizada foi qualitativa, a qual consiste em uma pesquisa subjetiva, ou seja, nela os participantes estão livres para apontar suas opiniões, tendo como objetivo, a qualidade dos resultados, para que seja possível a melhor compreensão sobre o assunto, entendendo o porquê das coisas e proporcionando maior ênfase na interpretação do objeto. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Para atender ao objetivo geral “Aprender e analisar as implicações da afetividade na formação da criança a partir da sua relação com a família e a escola”, e aos específicos: “Analisar o papel do professor, no tocante ao afeto com as crianças em sala de aula; Verificar a abordagem da dimensão afetiva na formação docente; Identificar as implicações dos estímulos familiares em relação à aprendizagem de seus filhos; Reconhecer a afetividade na relação aprendente/ensinante a partir das projeções das crianças”, utilizamos quatro instrumentos:

- Questionário sociodemográfico (Apêndices A,B e C);
- Entrevista semiestruturada (Apêndices F e G);
- Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) (Apêndices D e E);
- E o Teste do Par Educativo (TPE) (Apêndice H).

O questionário sociodemográfico foi aplicado aos pais/responsáveis, às professoras e à gestora; a entrevista semiestruturada e o TALP, aos pais e às professoras; e o TPE às crianças.

O questionário sociodemográfico consiste em uma ficha de dados, realizadas para obter elementos de natureza sociodemográfica, com relação à idade, gênero, escolaridade, religião, e experiências profissionais.

A entrevista semiestruturada: foram utilizadas duas entrevistas, uma destinada às professoras – contendo 10 questões – e a outra aplicada aos pais/responsáveis – contendo 8 questões. Neste tipo de entrevista o entrevistador vai ao entrevistado, com um roteiro de questões para serem aplicadas, podendo fazer interferências ou modificações nos questionamentos, afim de que haja melhor entendimento por parte do entrevistado, diante das perguntas, como também por parte do entrevistador, perante as respostas.

Foram usados ainda, dois tipos de testes projetivos, o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) e o Teste do Par Educativo (TPE). O teste ou método projetivo serve para interpretar a linguagem do inconsciente, ou seja, o que a pessoa não consegue expressar em palavras, ela retrata no desenho, por exemplo. Como explica Pinto (2014, p. 1):

Os métodos projetivos foram assim designados por Frank (1939, 1965), quando este autor reuniu sob o mesmo termo uma diversidade de testes então utilizados. Seu artigo examinava uma ampla variedade de materiais e de técnicas, utilizado como meios de acesso às vivências internas, aos

conflitos e desejos do sujeito. Frank (1939) achava que as técnicas projetivas ofereciam acesso ao mundo dos sentidos, significados, padrões e sentimentos, revelando aquilo que o sujeito não pode ou não quer dizer, frequentemente por não se conhecer bem. De acordo com este autor, tais métodos podiam apreender aspectos latentes ou encobertos da personalidade, por serem inconscientes.

No caso do teste de desenhos com crianças, elas conseguem expressar seu inconsciente através da simbologia e todos os aspectos dos desenhos possuem um significado, sendo de grande importância analisar tudo com muita atenção, como por exemplo, o tamanho, se falta partes, o formato, entre outros aspectos.

O TALP é muito usado na área da psicologia, pois diante deste tipo de estudo é possível fazer análises de natureza inconsciente. Este se configura em um teste em que uma pessoa é orientada a falar a primeira palavra que vem a sua mente, diante de uma palavra estímulo, e em seguida enumerar por ordem crescente de importância e justificar a eleita como a mais importante. Como explica Oliveira et. al. (2005, p. 575):

No campo de estudo das representações sociais a técnica de evocação livre consiste em pedir ao indivíduo que produza todas as palavras ou expressões que possa imaginar a partir de um ou mais termos indutores, ou ainda em solicitar um número específico de palavras, seguindo-se de um trabalho de hierarquização dos termos produzidos, do mais para o menos importante.

O TPE também é bastante utilizado na área da psicologia e psicopedagogia, realizado, na maioria das vezes, com crianças. Muñiz (1987) é considerada criadora e principal divulgadora do Teste do Par Educativo. Segundo a autora, há diferentes níveis de interpretação dos desenhos no TPE produzidos pela criança:

O mais valioso é o da análise do conflito que é representado e as defesas levantadas contra ele. Contudo, nessa oportunidade e como primeira aproximação, pode limitar-nos a observar características atribuídas pelas crianças aos personagens professor e aluno, tais como superioridade, inferioridade, submissão, algumas referências a como aparecem expostos os conteúdos da aprendizagem e, finalmente, ao clima emocional característico da situação total. Veremos representadas cenas de hostilidade, incomunicabilidade entre os personagens e também cooperação e integração emocional. (MUÑIZ, 1987, p. 48 apud SAKAI et al. 2012).

Neste teste a criança é estimulada a fazer um desenho onde represente uma pessoa ensinando e outra aprendendo. Em seguida, pede-se que escreva a idade e o nome dos personagens desenhados e no verso da folha, uma história (com título)

da cena desenhada. Diante da análise desse desenho é possível avaliar a relação que a criança tem com sua professora, ou mesmo, o tipo de professora ela gostaria de ter. Após a criança fazer o desenho, o pesquisador pode fazer perguntas sobre a cena desenhada, e a partir daí analisar aspectos relevantes ao seu comportamento.

Os dados da entrevista serão analisados através da Análise de Conteúdo (AC) proposto por Bauer (2002, p. 190):

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do corpus do texto, considerável atenção está sendo dada aos 'tipos', 'qualidades', e 'distinções' no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. O divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos.

Para analisarmos os dados obtidos através da aplicação do TALP, utilizamos a categorização, ou seja, o agrupamento das palavras ou expressões evocadas, mediante um determinado preceito. Para Moraes (1999):

A categorização é um procedimento de agrupar dados considerando a parte comum existente entre eles. Classifica-se por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo. Estes critérios podem ser semânticos, originando categorias temáticas. Podem ser sintáticos definindo-se categorias a partir de verbos, adjetivos, substantivos, etc. As categorias podem ainda ser constituídas a partir de critérios léxicos, com ênfase nas palavras e seus sentidos ou podem ser fundadas em critérios expressivos focalizando em problemas de linguagem. Cada conjunto de categorias, entretanto, deve fundamentar-se em apenas um destes critérios.

Segundo o referido autor, a categorização pode ser classificada em dois tipos: semântica e a sintética. Escolhemos trabalhar com a classificação semântica, organizando temáticas tratadas no estudo e agrupando as palavras diante da temática correspondente.

c. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

No primeiro contato com os sujeitos, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo I e II), em que consiste aos

aspectos éticos incorporados à pesquisa que envolve seres humanos, regulada pelas Diretrizes e Normas de Pesquisa em Seres Humanos, através da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, estabelecida em outubro de 1996, para que seja assinado pelos participantes quando da aceitação em contribuir com a pesquisa. Nele, consta como se dará a coleta de dados, sua permanência e a garantia do anonimato dos respondentes.

Após a apresentação e explicação dos instrumentos de coletas de dados utilizados na pesquisa, apresentaremos a seguir, as respostas da gestora, obtidas por meio do questionário sociodemográfico, no qual será possível a identificação e o conhecimento da realidade do *lócus* pesquisado.

3.1 Questionários com a gestora

Iniciamos a pesquisa, aplicando um questionário com a gestora da escola em estudo. O questionário estava organizado em dezessete perguntas. Essas estavam relacionadas com a formação profissional da gestora, alguns dados da equipe escolar e, também foi possível uma maior compreensão sociodemográfica da comunidade onde estar situada a instituição pesquisada.

Em relação à formação da gestora, a mesma possui graduação em Geografia, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Centro de Formação de Professores (CFP). Está cursando pós-graduação em Gestão, e já atua há 2 anos e 5 meses na função.

A instituição funciona com um quadro de seis funcionários, destas, três são professoras, duas auxiliares de serviço geral (cozinha, limpeza), e uma gestora. Em relação ao acompanhamento pedagógico, há uma pessoa que acompanha o corpo docente da escola junto à Secretaria de Educação do Município, pois como a escola funciona e é considerada do campo, este profissional atua sendo responsável por todas as escolas do campo.

No tocante aos projetos oferecidos na instituição, existe um projeto de leitura e escrita, intitulado: “Aprimorando minha leitura e escrita”, elaborado por uma professora da escola a fim de instruir os alunos ao gosto pela leitura.

Quando questionada sobre os programas federais que chegam ao município, a gestora citou os seguintes programas: Bolsa Família, Garantia Safra, Pacto

Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), SOMA, Mais Alfabetização, Mais educação, entre outros.

A escola atende a 27 famílias, totalizando 32 alunos. Destes, 31 são da zona rural e um da zona urbana. Das três professoras, um é da zona rural e duas da zona urbana. Segundo a gestora, as principais rendas mensais das famílias atendidas é a agricultura e o Programa Bolsa Família. As crianças chegam até a escola, de ônibus (esse transporte é oferecido aos alunos que moram em outro sítio), outros vão de moto com os pais e os que moram perto da escola, vão a pé. A gestora afirma que não há crianças com deficiência, matriculada na instituição.

Quando perguntamos se existem programas de formação continuada, oferecidas aos professores, a gestora explicou que os programas são oferecidos através da Secretaria de Educação do município, os quais visam aprimorar os conhecimentos dos professores como também dos gestores. Segundo a gestora:

A formação continuada é direito de todos os funcionários que trabalham em qualquer estabelecimento de ensino. É através da formação continuada que os professores e os gestores de instituições, tornam-se mais capacitados para pensar sobre os aspectos pedagógicos, sendo assim, podem traçar estratégias com a finalidade de buscar mudanças que sejam mais significante.

Seguindo, perguntamos para a gestora se no município, existem orientações formalizadas para educação do campo. A gestora respondeu que sim, e citou o Plano Municipal de Educação.

Em relação à estrutura física da escola, há uma sala de professores, uma secretaria, uma sala da direção, cinco banheiros, uma cozinha, uma dispensa, um almoxarifado, pátio e quatro salas de aula, funcionando em turmas multisseriadas. Em uma das salas, funciona a educação infantil, atendendo crianças de Creche, Pré I e Pré II. Em outra sala funciona o 1º e 2º ano do ensino fundamental. Outra funciona o 3º, 4º e 5º ano. A última sala está funcionando como sala de multimídias.

No tocante a relação família e escola, a gestora afirma que:

A escola tem uma ótima relação com as famílias. Sempre que se faz necessário a presença de um pai ou responsável na instituição, eles estão prontos para atender as necessidades que lhes é solicitado. Nas reuniões e nas festividades, os pais estão sempre presentes e, quando ocorre algo na escola, em relação aos alunos, eles nos procuram, e juntos buscamos uma forma para resolver. Tem pais que

procuram a escola para saber como vai o aprendizado dos seus filhos. A relação entre os pais e professoras também é muito boa, pois há estima entre família e todo o corpo escolar.

Para finalizarmos, questionamos sobre quais seriam os pontos positivos e negativos no atendimento às crianças na zona rural. A gestora respondeu:

Um ponto positivo é que as crianças que são atendidas em escolas do campo, o acesso é bem melhor, pois a criança não tem que se deslocar para a zona urbana. [...] não sei se posso chamar de ponto negativo, mas é a questão das turmas serem multisseriadas. Sabemos que é necessário que funcione assim, pelo pequeno número de alunos em cada turma.

É importante destacarmos aqui a questão do trabalho com turmas multisseriadas, ou seja, “uma organização de ensino nas escolas para agregar alunos de duas ou mais séries/anos em uma mesma sala, com apenas um professor” (RITTER, 2010 p. 9). Esse tipo de organização de turmas é muito comum nas escolas da zona rural, justamente pela questão acentuada pela gestora, que é o pequeno número de alunos em cada série e se faz necessário agrupar duas ou mais turmas para ocorrer o funcionamento daquela escola. Outros fatores podem interferir nesta organização, como a infraestrutura da escola, a qual pode não conter salas suficientes para atender todas as séries em turmas separadas. Outro fator é a escassez de professores, ou seja, quando não há um número de professores capaz de atender todas as séries. Além disso, como aponta Brito e Leal (2016, p. 1-2):

Uma problemática atrelada às turmas multisseriadas diz respeito à formação dos professores que atuam nessas turmas. Consideramos, neste contexto, a formação docente como questão importante a ser discutida, pois apesar da ampla oferta da multisseriação verificada no Brasil, não é comum encontrarmos professores que ensinam em turmas multisseriadas que tenham tido alguma formação específica para realizar o trabalho docente nesse contexto. Esse trabalho exige um olhar pedagógico particular, uma vez que se realiza com alunos de várias idades, inseridos em anos diversos de escolarização.

Ainda, segundo as autoras, “todas essas situações apresentadas fazem com que existam os que acreditem que apenas a extinção dessas turmas sanariam as lacunas existentes na educação do campo” (BRITO E LEAL, 2016, p. 6-7). No entanto, sabemos que as dificuldades encontradas na educação do campo são as mesmas que sofre a educação em geral, como investimentos, infraestrutura, entre

outros. Podemos ver, neste sentido, que o problema não está na organização multisseriada, mas sim na realidade educacional do nosso país, com um todo.

O questionário com a gestora se fez necessário para que pudéssemos nos situar em relação ao ponto de vista da profissional no tocante a participação da família na escola, bem como, conhecermos melhor a realidade de funcionamento da instituição.

3.2 Perfil sociodemográfico das entrevistadas

Apresentaremos agora, o perfil sociodemográfico das professoras e das mães entrevistadas. Serão apresentados pontos como a escolarização, religião, renda salarial, formação familiar, entre outros. Esses pontos nos auxiliaram na compreensão da realidade vivida pelas entrevistadas

3.2.1 As professoras

Dentre os participantes da pesquisa, estão duas professoras, com 33 e 22 anos de idade. Elas lecionam no Ensino Fundamental I, em turmas multisseriadas, da rede pública municipal, no Sítio Malhada Bonita, na cidade de Santa Helena – PB. Uma é casada e outra solteira. Ambas dizem seguir a religião católica. As duas são contratadas pelo município. O tempo de atuação no magistério de uma das docentes é de 3 anos e 6 meses, e a outra já atua há 6 anos, sendo que, ambas atuam na escola pesquisada há 3 anos. Uma delas cursou Pedagogia na UFCG-CFP, a outra está cursando Pedagogia em uma faculdade particular, com ano previsto para conclusão em 2018.2.

Em relação à renda salarial, ambas recebem entre um a três salários mínimos vigentes (954,00). Uma delas não possui outra renda e a outra trabalha como atendente em uma padaria, a mesma relata que precisa deste segundo turno para complementar a renda salarial da família.

Ao serem perguntadas se caso não fossem professoras, qual profissão gostariam de exercer e por que, uma respondeu que gostaria de ser vendedora, por gostar de trabalhar com pessoas. E a outra respondeu que gostaria de ser veterinária, pois adora animais.

3.2.2 *As mães das crianças*

Participaram desta pesquisa 16 mães das crianças, com faixa etária entre 21 e 42 anos. Treze delas são solteiras, duas casadas e uma é divorciada. Quanto à religião, uma delas é evangélica, as demais, católicas. No do que diz respeito à escolaridade, três delas não chegaram a concluir o Ensino Fundamental I, cinco não concluíram o Ensino Fundamental II, cinco tem o Ensino Fundamental II, duas possuem o Ensino Médio incompleto e uma delas concluiu o Ensino Médio.

Quando perguntamos sobre a quantidade filhos que elas tinham, as repostas foram entre um a cinco filhos. Em relação à renda salarial mensal, treze delas afirmam receber menos de um salário mínimo, sendo o Programa Bolsa Família, a única renda fixa da família e três responderam que recebiam de um a três salários mínimos vigentes. Quanto à profissão/ocupação das entrevistadas, dez delas são agricultoras, cinco são donas de casa, e uma trabalha como auxiliar de serviços gerais, contratada pelo município.

Apresentaremos a seguir, as análises do TALP. Serão explanadas as palavras evocadas, mediante a expressão “Relação professor- aluno” (aplicado com as professoras) e a expressão “Relação família-escola” (realizado com as mães). Serão apresentadas e analisadas ainda, as justificativas dadas pelas entrevistadas, ao considerar uma das palavras como mais importante.

3.3 Relação professor-aluno: segundo as professoras.

Para compreendermos como as professoras pesquisadas entendiam a relação professor/aluno, e atender ao objetivo geral: “apreender e analisar as implicações da afetividade na formação da criança a partir da sua relação com a família e a escola”, foi realizado o TALP, cujo instrumento já foi descrito anteriormente. Perguntamos o que lhes vem à mente quando ouvem a expressão “Relação professor/aluno”. Foi solicitado que elas escrevessem até seis palavras que surgissem em suas mentes a partir da expressão citada. Logo após, sugerimos que as numerassem por ordem (crescente) de importância, em seguida explicasse o porquê elegeu tal palavra como mais importante.

As palavras relacionadas pelas professoras não se repetiram, havendo, no entanto, palavras sinônimas. Uma das docentes colocou as seguintes palavras:

interações; afetividade; carinho; amor; diálogo; e reciprocidade.* Enumerou a palavra *amor* como mais importante, justificando da seguinte forma:

A que eu enumero o número 1 é a palavra amor, porque no meu entender a palavra amor resume todas as outras, que eu citei acima, pois só há uma relação de afetividade, carinho, diálogo, reciprocidade e interação se existir o amor na relação professor/aluno. (Carla)¹.

Diante da resposta de Carla, podemos perceber que ela apresenta uma visão romantizada de educação, em que resume as outras palavras associadas, a palavras *amor*. Mesmo associando a relação professor/aluno a pontos relevantes como o diálogo e a reciprocidade, ela afirma que é necessário que haja o amor, vindo de ambas as extremidades da relação estudada.

Para Louro (2008, p.97, *apud* NUNES, et.al. 2012, p. 329),

A representação do magistério é, então, transformada. As professoras são compreendidas como mães espirituais – cada aluno ou aluna deve ser percebido/a como seu próprio filho ou filha. De algum modo, as marcas religiosas da profissão permanecem, mas são reinterpretadas e, sob novos discursos e novos símbolos, mantém-se o caráter de doação e de entrega que já se associava à atividade docente.

A autora apresenta a visão de que o trabalho docente ainda é visto numa vocação, a qual por muito tempo foi exclusivamente exercida pela figura feminina, e precisa ser desempenhada com amor e “caridade”. De doar-se a esse trabalho, e tratar os alunos como seus próprios filhos. Sendo, portanto, uma segunda mãe.

Quando associamos a ideia de Louro (2008) à resposta da professora Carla, podemos notar que em ambas, há uma compreensão da importância do cuidar e do afeto positivo, do carinho e de se trabalhar com amor. Partindo do ponto que, mesmo com os novos olhares para a educação, para que haja uma boa relação entre o professor e os alunos é necessário o sentimento de amor.

A outra professora colocou as seguintes palavras: *parceria; confiança; aprender; conhecer*; dividir; e partilhar.* E enumerou como mais importante, a palavra *conhecer*, e justificou:

Porque eu acredito que é muito importante quando o professor conhece seus alunos e se faz entender para que eles também conheçam seu professor. (Mara).

¹ É importante informar que foram criados pseudônimos, para garantir o anonimato das entrevistadas.

A professora Mara traz uma questão importante para compreendermos o processo educacional. Pois sabemos o quanto é importante o professor conhecer seus alunos e deixar ser entendido, ou seja, é o adulto responsável por trazer para aquele ambiente, questões relevantes para que seus alunos cheguem ou caminhem para o autoconhecimento, e a partir daí, conhecer seu professor e se reconhecer na relação que estabelece com o mesmo.

Como nos aponta Wallon (1995, apud SAUD, 2005, p.25), “a criança só sabe viver a sua infância. Conhecê-la pertence ao adulto”. Ou seja, é necessário que os pais/responsáveis, os professores e os adultos do ciclo de convivência da criança, saibam como lidar com suas fases de desenvolvimento. É importante que o professor conheça os sentimentos de seus alunos, identificando as situações que os deixam com tal sentimento. Para que assim, os alunos sejam capazes de se conhecer e entender o seu professor.

3.4 Relação família-escola: visão dos pais/responsáveis

Ainda na perspectiva de entendermos ao objetivo geral aplicamos o TALP, desta vez com as mães. Assim como fizemos com as professoras, pedimos para que elas falassem o que viessem a suas mentes quando ouviam a expressão “Relação família/escola”. Pedimos que elas listassem até seis palavras, e em seguida, enumerassem em ordem (crescente) de importância. Logo após, explicassem o porquê tal palavra era considerada como mais importante.

Dentre as dezesseis mães, duas preencheram as seis palavras, duas preencheram cinco palavras, quatro preencheram quatro palavras, sete preencheram três palavras e uma preencheu duas palavras, totalizando 57 evocações. Organizamos todas as palavras evocadas em categorias, sendo: Educação (19) Família presente (13) Coisa boa (10) Base de tudo (5) Escola (4) Dificuldade (4) Obedecer (2) e destacamos as que receberam a indicação da mais importante. O resultado está no Quadro 1. Em seguida, fizemos a análise dos dados coletados.

A aplicação deste teste nos forneceu a oportunidade de analisamos a visão das mães, em consonância com os autores citados no referencial teórico, em torno do tema em estudo.

CATEGORIA	EVOCÇÕES	QUANTIDADE
EDUCAÇÃO	*Educação	09
	Aprendizagem	03
	Estudar	03
	Saber	03
	Aula	01
	SUBTOTAL	19
FAMÍLIA PRESENTE	*União	04
	* Participar junto	02
	Família	05
	Companheirismo	01
	*Dialogo	01
	SUBTOTAL	13
COISA BOA	Bem estar	01
	Conforto	01
	Amor	02
	Alegria	01
	*Emoções	01
	*Cuidado	01
	Respeito	02
	Felicidade	01
	Paz	01
Coisa boa	01	
	SUBTOTAL	10
BASE DE TUDO	Fundamental	01
	*Base de tudo	01
	Objetividade	01
	Competência	01
	Futuro	01
	SUBTOTAL	05
ESCOLA	Escola	02
	Escola companheira	01
	Professora	01
	SUBTOTAL	04
DIFICULDADE	Dificuldade	01
	Problema	01
	Comportamento	01
	Preocupação	01
	SUBTOTAL	04
OBEDECER	Obedecer	02
	SUBTOTAL	02
	TOTAL	57

Quadro 1: Relação família/escola é...

Fonte: Dados da pesquisa – autoria do pesquisador

Para o processo de análise, destacamos as que foram julgadas pelas mães, como mais importantes, para definição da expressão “Relação família/escola”.

- **Categoria “Educação”**

Dentre as palavras evocadas pelas entrevistadas, tivemos 19 que se adequaram à categoria *Educação*. Nove entrevistadas colocaram como mais importante a palavra “Educação”, justificando que ela deve partir tanto da escola quanto da família, o que é uma questão bastante positiva, uma vez que entendem que o papel das duas instâncias são complementares e de grande importância.

As justificativas trazem a educação como algo que precisa acontecer, tanto na escola, quanto em casa, como pode ser visto em algumas respostas:

Educação, porque ela tem que vir da escola e da família. (Angélica)

Educação, porque a criança tem que ser educada em casa e na sala de aula. (Acácia)

Porque a educação tem que ser dos pais e da escola né? (Violeta)

Porque educação é muito importante, pra gente né? E também, é da escola e da família. É bom pra todos. (Margarida)

É bom vermos que as mães possuem essa visão de que a educação precisa acontecer pela união da família e da escola, pois isso facilita muito o desenvolvimento da criança, a participação da família na escola e o trabalho dos professores, assim como de todos na escola. Como foi citado anteriormente, a Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) prevê que a educação seja direito da criança e dever da família e do estado.

No entanto, uma das mães justificou da seguinte forma:

Educação, porque é na escola que a criança ganha a educação. (Amarília)

Podemos perceber que Amarília exclui, em sua fala, o papel da família, no processo educacional, falando apenas da escola, como sendo o lugar onde as crianças “ganham” a educação. Muitas famílias depositam toda a responsabilidade de educar a criança, na escola, o que traz muitos problemas, porque a escola também espera da família este papel. Este discurso nos faz inferir que talvez não esteja claro de que educação estes atores se reportam, visto que no que diz respeito à educação formal, é realmente a escola quem tem a autoridade frente à família. Talvez, por

isso, os pais não vêm em si, a responsabilidade de ensinar para suas crianças e não proporcionam para elas, momentos em que possam se desenvolver cognitivamente.

Este pode ser um ponto importante para entendermos porque, na educação em geral, as famílias participam pouco da escola. Como já falamos, a educação formal advém da escola, sendo assim, muitas famílias acreditam que somente a escola tem o papel de educar. Neste sentido, lembramos da importância da família participar da construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Segundo Polonia e Dessen (2005, p.305):

Mesmo quando a instituição escolar planeja e implementa um bom programa curricular, a aprendizagem do aluno só é evidenciada quando este é cercado de atenção da família e da comunidade. Neste caso, a família e a comunidade devem ser orientadas quanto às novas abordagens utilizadas no ensino, visando acompanhar o progresso e as necessidades do aluno.

- **Categoria “Família presente”**

Nesta categoria estão presentes treze das 57 palavras evocadas. Entre elas, foram eleitas como mais importantes, as palavras: “União”, “Participar junto” e “Diálogo”. Essas três expressões estão ligadas a questão do desenvolvimento do trabalho conjunto entre a escola e a família.

Hortência escolheu como mais importante, a expressão “Participar junto”, e justificou da seguinte forma:

Porque eu acho que a família precisa estar junto com a escola. Acho que isso só ajuda ainda mais a criança.

Esta expressão nos remete ao objetivo central deste trabalho, que é o trabalho conjunto entre os agentes responsáveis pelo desenvolvimento da criança. Quanto maior a participação ativa-positiva da família na escola, melhor o desenvolvimento integral da criança, como podemos ver na fala de Hortência, “isso só ajuda ainda mais a criança”. Segundo Polonia e Dessen (2005, p.304) “quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas”.

Isso também pode ser visto na resposta de Verônica, em que ela explica porque a palavra “União” é a mais importante:

União, porque eu acho que é preciso que todo mundo fique unido pra ajudar nossos filhos.

Polonia e Dessen (2005, p.304) ressaltam que:

A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade.

As autoras destacam a relevância da união entre a família e a escola. A escola como espaço de construção do conhecimento, precisa mostrar para as famílias como elas podem ajudar suas crianças, em seu processo de desenvolvimento educacional e sua construção humana. Pois como já citamos anteriormente, as famílias muitas vezes não sabem que precisam ajudar e também não sabem como podem ajudar. Portanto, destacamos a importância de se estabelecer a união entre a família e a escola, em que um auxilia o outro e os dois ajudam na construção integral das crianças.

A outra expressão justificada nesta categoria como mais importante foi a palavra “Diálogo”. Ela foi falada uma vez durante o teste e justificada da seguinte forma:

Diálogo, porque com o diálogo tem um melhor resultado. A gente precisa ter um bom diálogo com a professora e com a diretora, pra entender o que nossos filhos precisam. (Tulipa)

Para Tulipa, tudo pode ser conversado entre os agentes envolvidos. É preciso que haja esse diálogo para entender o que as crianças precisam e como podem ser ajudadas. Como nos aponta Polonia e Dessen (2005, p.305): “Os benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se a possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos”.

- **Categoria “Coisa boa”**

A categoria “Coisa boa” agrupa sentimentos positivos que foram citados pelas mães. Sentimentos esses que afetam as crianças e auxiliam no processo de

desenvolvimento. Foram evocadas 10 palavras nesta categoria e duas delas foram eleitas como mais importantes, são elas: “Emoção” e “Cuidado”.

A palavra “Emoção” foi justificada de seguinte maneira:

Porque é um conjunto de tudo. Tem dias que tem coisas boas e tem dias que tem coisas ruins. (Rosa)

Sabemos que, tanto no grupo familiar, quanto no ambiente escolar, estamos sempre convivendo e tendo diversas experiências interpessoais. É importante lembrarmos que nós, seres humanos, somos compostos pelo misto de sentimentos e maneiras de ser, que se manifestam em nossas vivências com as outras pessoas. Portanto, sabemos da dificuldade de se trabalhar e conviver com pessoas, que muitas vezes, possuem maneiras de pensar, muito diferente da nossa. E a escola é o maior exemplo disto, como vemos na fala de Rosa, “*é um conjunto de tudo*”.

A palavra: “Cuidado” foi justificada da seguinte forma:

Porque é essencial na escola, tanto da família quanto das pessoas na escola. E quando a gente bota o filho na escola, espera que ela seja bem cuidada por todos. (Açucena)

É indiscutível a questão que a escola tem o dever de cuidar e tratar bem os alunos. Nenhum pai ou mãe coloca seu filho em uma escola, sabendo que lá ele não será bem cuidado. Este cuidado necessita ocorrer junto ao educar, pensado na perspectiva de que a criança aprende mais quando se sente mais acolhido e cuidado no ambiente escolar.

- **Categoria “Base de tudo”**

Expressões de relevante função foram agrupadas nesta categoria. Dentre as cinco palavras, “base de tudo” foi justificada como mais importante. Vejamos a justificativa:

Porque eu acho que a família e a escola é a base de tudo pra qualquer ser humano, né? (Flor)

Flor fala em “base de tudo”, reforçando que a escola e a família são essenciais “para qualquer ser humano”. Lembramos então do que Freire (1995)

chama de grupo primário e grupo secundário. O grupo primário diz respeito a família, e este será o primeiro grupo de convivência da criança. O grupo secundário diz respeito à escola (trabalho, instituições, etc.), a qual é responsável pelas novas experiências interpessoais. Ambos os grupos devem “trabalhar” como bases do desenvolvimento da criança, um complementando o outro. E em cada uma desses grupos, a criança desempenhará papéis, que podem ser distintos, porém, é necessário que, em qualquer que seja o grupo, a criança possa vivê-lo positivamente, pois, “estes papéis se mantêm ao longo da vida” (FREIRE, 1995, p.61).

- **Categorias “Escola”, “Dificuldade” e “Obedecer”**

Embora nenhuma das palavras ordenadas nestas categorias tenha sido eleita como mais importante, chamamos atenção para a relevância de cada uma das palavras que foram evocadas, pois se foram citadas aqui, é porque estão ligadas diretamente com a visão que as mães têm sobre a relação família-escola. Sendo de grande importância estudar e compreender cada uma delas numa próxima pesquisa. Todas estas palavras estão ligadas e interferem no desenvolvimento da aprendizagem no desenvolvimento integral das crianças.

Passaremos agora para a análise das respostas dadas diante da aplicação da entrevista semiestruturada. Inicialmente com as professoras, analisando a relação professor-aluno, em seguida, com as mães, focando na relação família-escola.

3.5 Relação professor-aluno: a entrevista.

Seguindo com a pesquisa, com o objetivo de atendermos aos objetivos específicos: Analisar o papel do professor, no tocante ao afeto com as crianças em sala de aula; Verificar a abordagem da dimensão afetiva na formação docente; Realizamos com as professoras, uma entrevista semiestruturada, composta por 10 perguntas. As perguntas estavam relacionadas acerca da relação afetiva entre professor e aluno, a relação que elas estabelecem com as famílias das crianças, bem como, como elas viam o desenvolvimento cognitivo de seus alunos. Toda a entrevista foi gravada e, posteriormente, transcrita, para a análise.

Iniciamos a entrevista perguntando *se elas acham que a relação afetiva do professor para com o/a aluno/a contribui com a aprendizagem dele/a*. Obtivemos as seguintes respostas:

No meu entender a relação afetiva contribui com o processo de ensino e aprendizagem, à medida que, as relações afetivas na sala de aula passam aos educandos uma segurança. Na minha experiência em sala de aula pude notar que as crianças são amorosas e consideram as relações interpessoais de grande valia, sendo assim, o que se percebe que a criança aprende mais quando se sentem bem no espaço escolar. (Carla).

Sim. Pois o aluno consiga se sentir seguro... assim, fazendo com que o desenvolvimento em relação a aprendizagem, seja boa. (Mara)

Diante dos estudos realizados e das respostas das professoras entrevistadas, enfatizamos a importância de oferecer ao aluno um ambiente afetivo/positivo. A professora Carla considera a segurança, um ponto relevante para o desenvolvimento da criança, afirmando que as relações afetivas na sala de aula passam aos educandos uma segurança. Vemos, neste sentido, que a professora entende a importância de o aluno se sentir seguro para conseguir se desenvolver bem e naturalmente. Ele precisa saber que é querido naquele ambiente, para assim, concretizar a aprendizagem, de forma positiva.

Como já falamos anteriormente, as crianças aprendem de diferentes maneiras. Cabe ao professor, oferecer as situações que auxiliem seus alunos, na aquisição de tais conhecimentos. A forma como acontece a relação entre o professor e o aluno, pode ser essencial para o processo de aprendizagem dos mesmos. Moralles (1999, p.10), aponta que: “O modo como se dá nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias que damos, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional [...]”, havendo, neste sentido, ganhos positivos tanto para o aluno quanto para o professor.

A professora Mara também demonstra entender que a segurança é um ponto importante na construção da aprendizagem dos educandos. Para ela, a relação afetiva que se estabelece entre o professor e o aluno auxilia na troca de conhecimentos entre o agentes envolvidos e, conseqüentemente, no processo de aprendizagem.

Seguindo a entrevista, perguntamos: Você utiliza alguma estratégia para trabalhar a afetividade entre alunos? Se positivo, quais? Se negativo, por quê? Elas responderam da seguinte forma:

Sim. Eu planejo aulas interessantes com estratégias de jogos, brincadeiras, músicas e danças, porque eu acho que isso desperta, nos alunos, a curiosidade pelos conteúdos, obtendo assim, um resultado positivo né. Dessa forma, eu percebo que os discentes gostam das aulas e isso fortalece a afetividade entre o professor e o aluno. (Carla).

Sim. Através de brincadeiras que são desenvolvidas em sala... atividades em grupo e respeito. (Mara).

As professoras associam afetividade a “resultados positivos”, pois ambas afirmam que procuram trabalhar com atividades diferenciadas, para que os alunos possam gostar das aulas e aprendam mais. Ainda afirmam que buscam despertar nos alunos, sentimentos, curiosidade e respeito, através das estratégias utilizadas em sala.

Embora as professoras não tenham enfatizado a questão de oportunizar a interação afetiva entre os alunos, é pertinente levantarmos esta discussão, uma vez que a afetividade entre os alunos, e entre os sujeitos em geral, é importante não só para a construção pessoal, mas para o desenvolvimento cognitivo do ser humano. Segundo Tassoni (s.d, p.02) “[...] o papel do outro no processo de aprendizagem torna-se fundamental. Consequentemente, a mediação e a qualidade das interações sociais ganham destaque”.

Na terceira pergunta, questionamos: Como é sua relação com as famílias da criança? Comente. Elas responderam da seguinte forma:

A minha relação com as famílias dos alunos é muito boa, eu leciono na zona rural, né... e assim... em um lugar que os pais são presentes na vida dos seus filhos. Quando marcamos uma reunião sempre todos participam... perguntam como seus filhos estão nas aulas, ou seja, mantemos uma relação conjunta e coletiva. (Carla).

A relação com a família das crianças é boa, sempre que possível algumas vem a escola para saber sobre o seus filhos. (Mara).

Esta questão trata de um ponto indispensável no processo educacional, que é a relação entre as famílias das crianças e as professoras. Diante das respostas das

professoras Carla e Mara, podemos ver que elas têm uma boa relação com os pais/responsáveis dos alunos, o que é de grande importância. Pois sabemos que uma boa convivência entre esses agentes, só tem a contribuir cada vez mais, com o desenvolvimento das crianças. Como nos afirma Reis (2008, p.37), “não é possível uma Educação adequada e completa sem a existência da Família”.

Outro ponto relevante a ser destacado nas respostas, é quando a professora Carla fala que leciona na zona rural, “em um lugar que os pais são presentes na vida dos seus filhos”. A professora destaca que, por atuar na educação no campo, vê que a participação da família dos alunos é maior. No entanto, sabemos das particularidades da educação no campo, das diferentes faces apresentadas neste ambiente. Para Lima e Silva (2015, p. 476) “Essa heterogeneidade do rural pode guardar em si especificidades e desafios peculiares para a relação escola-família e que precisam ser investigados e compreendidos [...]”.

A quarta pergunta: Você acha que a família contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança? Como? Elas responderam:

Sim. A família sem dúvidas contribui de forma positiva com o desenvolvimento cognitivo das crianças. Porém, infelizmente, sabemos que não são todas as famílias que contribui no desempenho escolar dos seus filhos... falo isso de forma geral, sabe? A família é a primeira educação que a criança tem contato, e é com ela que eles aprendem os conhecimentos prévios. Acho que é importante destacar também, que na minha realidade escolar, os pais contribuem muito no aprendizado dos educandos, como já havia falado né? (Carla)

*Sim. Através do acompanhamento,
né? (Mara)*

A partir das respostas, notamos que a professora Carla vê a participação e o papel da família como sendo de grande importância, pois a mesma fala que a primeira educação que a criança recebe, deve ser da família. Portanto, sendo vista, como alicerce para a construção e desenvolvimento cognitivo e integral das crianças. Já, diante da resposta de Mara, notamos que ela entende que a família tem um papel complementar a educação recebida na escola, como “acompanhamento”, como um reforço da escola.

Para Chechia e Andrade (2005):

[...] para a escola, os pais não têm apenas que estar presentes, mas devem também assumir o papel ativo no cotidiano escolar dos filhos. O apoio e a participação dos pais na vida escolar dos filhos colaboram com a escola no sentido de se obter um trabalho de classe mais equilibrado.

Sabemos que a família tem um papel fundamental na participação da vida educacional de seus filhos. Ela deve participar ativamente deste processo, como também, precisa atuar como complemento da educação escolar. Auxiliando a escola e sendo auxiliada por ela.

Prosseguindo a entrevista, perguntamos: Você costuma procurar a família da criança? Em quais momentos? E como é a receptividade? Elas responderam:

Eu costumo ter contato diariamente com as famílias, pois moro pertinho das famílias e sou sempre bem recebida em suas casas. Costumo também fazer vídeos durante as aulas e envio para os pais, para que elas possam acompanhar de perto a vida escolar dos seus filhos... faço os vídeos deles lendo, sabe? (Carla).

Sim. Sempre que o aluno está com alguma dificuldade ou com problemas em relação a comportamento e as tarefas. (Mara).

Percebemos nestas respostas, pontos de vista e ações diferentes entre as professoras. Pois, enquanto a professora Mara diz procurar a família quando há algum “problema em relação a comportamento”, a professora Carla busca estar sempre em contato com as famílias, quando relata que usa uma metodologia diferenciada, de trocar vídeos das crianças lendo com os pais/responsáveis, para que eles possam acompanhar o seu progresso na escola.

Entendemos que a visão da professora Mara é limitada, no que diz respeito a participação da família de seus alunos, na escola. Ela comprova uma resposta dada anteriormente, em que diz que a família tem o papel de “acompanhar” o desempenho dos filhos. Se eles não estiverem se comportando ou com algum problema de aprendizagem, vê-se a necessidade de chamá-los até a escola.

Na sexta pergunta questionamos: Quantas crianças têm em sua sala de aula? Quantas você considera que tem maior desempenho escolar? Por quê? Obtivemos as seguintes respostas:

Na minha sala de aula tem nove crianças... oito tem um bom desempenho escolar, pois todos estão lendo e acompanham muito bem os conteúdos. Eu me sinto feliz em enfatizar que todos estão lendo, uma vez que, ensino em uma sala multisseriada... que é primeiro e segundo ano, e ainda tem duas alunas do Pré II, ou seja, da educação infantil né? (Carla).

São dez alunos na sala, entre eles, oito desenvolvem um bom desempenho na escola, fazendo todas as tarefas e participando das aulas. (Mara).

Enfatiza-se aqui, a dificuldade de se trabalhar com salas multisseriadas. A dificuldade está na questão de que as crianças estão em diferentes etapas de aprendizagem e desenvolvimento. E avaliar uma sala, no geral, é muito complexo, por sempre ficarmos, mesmo que inconscientemente, comparando o desempenho dos alunos. A dificuldade também está no ato de planejar as atividades, uma para cada série, ou uma que contemple todas as séries. E para Brito e Leal (2016), as salas multisseriadas também enfrentam problemas em decorrência da formação docente, segundo as mesmas, é raro encontramos profissionais qualificados para trabalhar neste cenário.

Em seguida, perguntamos: Você acha que quando a criança recebe mais atenção a aprendizagem dela é melhor? Por quê? Elas responderam:

Sim... com certeza... a criança aprende mais quando recebe atenção, falo por experiência própria... sempre procuro dar atenção aos meus alunos, desse modo, vejo que a atenção, o trabalho individual e coletivo traz um bom desenvolvimento coletivo. (Carla)

Sim. A criança... ela deve receber atenção. A maioria das crianças que não recebem atenção são aquelas que mais tem dificuldades, pois elas ficam querendo chamar sua atenção em sala. (Mara).

Brito (2001, p. 46, apud NOGUEIRA, 2007, p. 83-84), afirma que, “se a aprendizagem depende da maneira como a informação é processada, então os processos cognitivos dos estudantes deveria ser a maior preocupação dos professores”. Considerando, neste sentido, a atenção do professor para com o aluno, relevante na construção da aprendizagem, quando o professor conhece o processo cognitivo de seus alunos e consegue atender suas particularidades, isso facilitará a aprendizagem desses.

Seguindo a entrevista, perguntamos: Você acha que quando a família participa mais da escola a criança se desenvolve melhor? Por quê? Elas responderam da seguinte forma:

A participação da família é de fundamental importância no desenvolvimento da criança, visto que, a escola não dar conta sozinha da aprendizagem do educando. A família também é um espaço de aprendizagem e a sua participação na escola torna um trabalho valioso, no desempenho de seus filhos. (Carla).

Sim. Pois a família procura saber as dificuldades que a criança está tendo e como está acontecendo o trabalho do professor, em sala né... sempre costumo dizer que para ocorrer um bom desenvolvimento na escola, a família deve estar lá. (Mara).

Chechia e Andrade (2005), afirmam que:

Estudos têm demonstrado os efeitos da importância da participação dos pais na escola para o desempenho escolar, mas a participação dos pais não deve ser vista como aquela que assegura o bom desempenho. O desenvolvimento escolar do aluno é um processo que se desenvolve na escola e com influência da família; não depende exclusivamente da família. A escola tem suas funções específicas que devem ser enfatizadas para que não se perpetue o discurso ideológico de que o desempenho depende da forma da família agir no contexto escolar do filho.

Como podemos entender, diante da fala dos referidos autores, e tomando como referência, um ponto de destaque nas falas das professoras, podemos notar que eles acreditam na participação familiar e em seus benefícios para o desempenho da criança na escola. É importante destacar que a participação da família não é limitada apenas as participações de reuniões ou comemorações, mas que a família deve atuar junto à escola, não depositando a responsabilidade apenas na família ou na escola, ao sucesso ou insucesso, ou até mesmo a indisciplina, na escola. Entendendo que a família não é, sozinha, responsável pelo bom desempenho da criança.

A nona pergunta questionava sobre o que elas entendiam por afetividade. Elas responderam:

A meu ver, afetividade é amor, reciprocidade e carinho, ou seja, um conjunto de emoções e sentimentos que as pessoas conseguem criar laços de amizade, inter-relações e companheirismo, sendo de grande valia no convívio das pessoas no mundo. (Carla).

Afetividade é poder compreender, entender... e poder ajudar quando mais precisa... eu acho que é isso. (Mara).

As professoras compreendem a afetividade apenas em seu lado positivo. Afirmam que afetividade é “amor”, “carinho”, “ajudar”, “compreender”, “amizade”, entre outras expressões. No entanto, como apresentamos anteriormente, a afetividade é a maneira como nos afetamos positiva ou negativamente, diante de algum estímulo. “[...] a dimensão afetiva [...] é impulsionada pela expressão dos sentimentos e das emoções” (RIBEIRO, JUTRAS, 2006, p.40).

Podemos perceber que para as professoras, a afetividade é importante na ação de ensinar e aprender, pois conseguem criar laços que auxiliam esse processo. Elas concebem a afetividade como um sentimento, um estado e uma ação que se transformam nas expressões citadas (amor, cuidado, respeito, amizade).

Finalizando a entrevista com as professoras, perguntamos: Quando você reconhece que uma criança está se desenvolvendo bem cognitivamente? Elas responderam da seguinte forma:

Eu reconheço que uma criança está desenvolvendo bem cognitivamente pela rapidez de aprender um conteúdo. Meus alunos tem um desenvolvimento muito bom, eles estão todos lendo, participam das aulas ativamente e gostam de opinar sobre os temas, que eu levo para as aulas. (Carla).

Quando ela tem capacidade de resolver as questões sozinha. (Mara).

As professoras demoram conhecer as habilidades cognitivas que as crianças precisam desenvolver, no entanto, possuem uma visão um pouco restrita, citando as habilidades que remetem ao desenvolvimento da criança em sala de aula. Porém, sabemos que o desenvolvimento cognitivo abrange vários aspectos, os quais são exercidos e desenvolvidos cotidianamente, nas relações interpessoais.

3.6 Relação família-escola: a entrevista

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com as dezesseis mães. A entrevista continha nove questões. As questões estavam relacionadas à visão que as mães têm sobre a escola, a participação na vida educacional de seus filhos, seu papel no desenvolvimento integral dos mesmos, bem como, o entendimento acerca

do termo *afetividade*. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas fielmente, para análise.

Ao iniciar a entrevista, perguntamos há quanto tempo o/a seu/sua filho/a estuda na escola pesquisada. As repostas foram em torno de dois e cinco anos, e a grande maioria das crianças estuda lá desde a educação infantil.

Em seguida, perguntamos o que elas achavam da professora do/a seu/sua filho/a. As entrevistadas afirmam gostar das professoras e demonstraram estabelecer uma boa relação com as mesmas. Algumas mães associam o progresso de seus filhos ao bom trabalho que a professora vem desempenhando. Destacamos algumas das repostas:

Eu acho boa demais, é... ensina muito bem, conversa com eles e se dão muito bem... não tem o que falar dela. (Amarília)

Ah! Agora tá boa a professora. Gostei muito da professora dele. (Acácia).

Ela é ótima. Eu acho que ele tá cada vez melhor na escola. (Íris).

Essa que tá agora é muito boa. Eu acho que ele tá aprendendo mais com ela. E eu vejo que ela trata os alunos muito bem. (Angélica).

Seguindo a entrevista, indagamos sobre sua assiduidade na participação na escola, se elas costumam ir, em qual frequência e como são recebidas neste ambiente. As repostas, em sua maioria, foram bastante positivas. Algumas afirmam que vão à escola todos os dias deixar seus filhos e aproveitam para conversar com a professora, saber como seu filho está se comportando, como podemos ver no relato de algumas mães, a seguir:

Quase todos os dias, pra deixar ela... quando ela não vai comigo, o pai dela vai deixar. Também vou pras reuniões... sou recebida muito bem. (Açucena)

Sempre que tem reunião, eu vou e... as vezes eu vou lá, só pra olhar as vezes, como ela tá. Sou recebida muito bem. (Tulipa)

Costume sim. Vou todo dia deixar ele e vou pras reuniões também. Elas me recebem muito bem. São muito educadas com a gente. (Angélica)

Sim, sempre eu vou todas as reuniões que me mandam é... dizer... alguma participação assim... de rifa, dessas coisas, eu sempre vou. Sou recebida muito bem, graças a Deus... todo mundo lá são gente boa. (Azaleia).

É animador ver que a receptividade da escola para com as familiares dos alunos é muito boa. Porém, há uma questão a ser pensada, diante das repostas das mães, pois algumas limitam suas participações na escola, às reuniões ou comemorações. Demonstram não sentir necessidade de estar sempre perguntando e conversado com as professoras ou com a gestora. Como pode ser visto nas respostas a seguir:

Vou só nas reuniões. Sou recebida muito bem. (Violeta)

Às vezes... na reunião eu vou. Sou recebida bem. (Margarida).

Só quando tem reunião, porque a escola é perto e ele vai sozinho, eu não preciso ir deixar ele não. Sou recebida bem, eles me recebe bem demais. (Veronica)

No entanto, como vem sendo apresentado no decorrer desta pesquisa, a participação da família deve ir além de um acompanhamento na escola. De somente ir às reuniões saber como seus filhos estão, mas sim, precisam saber o que podem fazer para o melhor desenvolvimento desses.

É neste sentido que Chechia e Andrade (2005, p.432), ressaltam:

[...] é nas reuniões que são possibilitadas as condições de assistência aos pais, para que estes se conscientizem de sua importância para o desempenho escolar de seus filhos, conheçam sobre desenvolvimento e comportamentos de crianças e co-assumam responsabilidades em relação às atividades propostas pela escola.

Posteriormente, perguntamos: Como é sua relação com as pessoas que trabalham na escola? Comente. Destacamos algumas respostas:

Bem. Nunca tive problema com ninguém lá não. (Açucena)

A relação é boa né... que eles são bem... além de ser bem educado né? as crianças tão sendo educada e eu vou todo dia lá e sou bem atendida. (Acácia).

É boa. Eles são bem compreensivos e atende a gente muito bem. (Veronica).

É uma relação boa. Gosto muito dos funcionários de lá. (Rosa).

É normal... todos tratam bem... (Flor).

Embora algumas respostas tenham sido sucintas, as mães afirmam ter uma boa relação com todos os funcionários, professores e com a gestora. Elas reconhecem a importância de se estabelecer uma relação positiva com os funcionários, uma vez que, demonstram entender que cada um tem um papel relevante no processo educacional de suas crianças.

É pertinente levantar a discussão em relação a resposta que o corpo escolar dão as mães, a respeito da presença delas na escola. Como foi possível ser visto na resposta de Angélica, quando ela fala que “[...] *elas gostam da gente e gostam que a gente vá lá, né?*”.

Assim como ressalta Silva (2014, p.42):

A integração entre família e escola também auxilia nos desenvolvimentos cognitivos, afetivos e sociais. É preciso que a escola saiba reconhecer e valorizar a participação da família no contexto escolar, como também servir de orientadora para que as famílias saibam exercer seu papel na educação.

As famílias precisam saber que são bem vindas e se sentir queridas no ambiente escolar. Caso isso não aconteça, a participação da família na vida escolar de seus filhos ficará cada vez mais limitada e cria-se uma barreira, comprometendo assim, o desenvolvimento da criança.

Seguindo a entrevista, perguntamos se elas achavam que a família contribui para a aprendizagem da criança e como poderia acontecer essa contribuição. Vejamos algumas das respostas obtidas:

Com certeza. Eu acho que, de forma especial mesmo, porque se você... eu acho assim, você tem que participar das reuniões, tem que.. se for o caso de eles errar, você “tá” junto com os professores e... ensinar sempre o que é certo... com certeza.(Amarília)

Sim. Ajudando as professoras né? quando ela passa atividade de casa... se você ajuda em casa, como em todas as reuniões que nós vamos lá, tem umas mães que não participam na escola, né? não ajuda as crianças em casa, aí vai as tarefas em branco, né? e isso aí... toda mãe tem que prestar atenção pra... eles levar as “tarefinhas” deles pra escola, feita, né? (Acácia).

Sim. A família é muito importante, porque ela também tem que ajudar, né? (Petúnia)

Pode, é... ajudando a fazer as tarefas, prestando atenção quando ele chegar da escola olhar na bolsa, incentivar, né? a ele estudar. (Veronica)

Sim. Contribui com o melhor, né? ensinado, educando, fazendo com que a criança tenha... é... interesse pra estudar. Eu acho que a família contribui muito pra isso. (Íris)

Como podemos notar, as mães possuem em visão restrita em sua participação na aprendizagem de seus filhos. Diante das afirmações das mães, notamos que elas veem uma relevância no ato de ajudar seus filhos nas tarefas para casa, vemos que elas compreendem que seu papel é ajudar seus filhos na realização das tarefas, de tal maneira que elas falam que colaboram com a professora, por ajudar neste sentido, enquanto outras não fazem. No entanto, algumas, talvez por não saber seu real papel neste processo, limitam sua participação na ajuda com essas tarefas, e entendem que quando ajudam seus filhos na resolução dos deveres, estão ajudando a professora a ensinar. Como nos falou Acácia: “[...] *Ajudando as professoras, né? quando ela passa atividade de casa [...]*”.

Segundo Carvalho (2004, p.45),

Os pais/mães tampouco necessitam participar da educação escolar dos/as filhos/as quando estes/as vão bem na escola, e preferem confiar nas professoras e deixar para elas a tarefa de ensinar o currículo escolar. (A suposição aqui é que a colaboração dos familiares, na forma de reforço escolar em casa, não é condição necessária para a aprendizagem e o sucesso escolar, e que há alunos e alunas que aprendem sem auxílio extraclasse). Por um lado, as relações entre pais/mães e filhos/as em casa podem ser mais agradáveis e relaxadas quando não envolvem exigências escolares, testes e dever de casa.

Quando falamos que algumas mães podem não saber o seu real papel no processo educacional de seus filhos, estamos querendo falar que muitas acham que fazendo a tarefa de casa com os filhos, estão os ajudando a se educar. Tanto que, quando a criança consegue fazer suas tarefas de casa sozinha, os pais não veem necessidade de acompanhá-la nesse momento. Assim como Carvalho (2004) nos fala, os pais precisam entender que o ato de acompanhar as tarefas de casa não é um simples “acompanhar”, mas a criança precisa desse momento junto, precisa saber que sua família se importa com o que ela está aprendendo. Precisam se sentir queridos e assim, se interessar ainda mais pela escola, trazendo inúmeros benefícios para seu desenvolvimento.

Seguindo a entrevista, perguntamos: Você acha que quando a criança recebe mais atenção, a aprendizagem dela é melhor? As respostas foram muito positivas.

Vemos que as famílias pesquisadas entendem que quando seus filhos sabem que são queridos, eles respondem de maneira também positiva. Veja algumas das repostas:

É, é sim. Porque ajuda eles a aprender mais. (Hortência).

Com certeza. Eu acho que quando as professoras dá atenção a eles, ele fica mais interessado. Porque, também, se a professora nem ligar dele, ele não quer nem ir pra escola. E a família também precisa dar atenção né. (Angélica).

Sim, porque ele se empolga naquilo né... porque esse meu mesmo, ele chega e diz “mãe eu tenho tarefa”, ai, “vamo logo fazer”... ai já vou fazer a tarefa mais ele, que é pra ele se interessar né. E ele, quando é pra ler um livro, ele também chega e diz “eu tenho livro pra ler lá na escola”, ai eu já começo a ler mais ele, a tarde. (Azaleia).

Uma das repostas nos chamou bastante atenção, foi a resposta de Margarida, quando ela fala: “*Consegue... por causa das brigas que a gente dá, né?*” O que nos intriga é que mesmo afirmando entender que a criança consegue se desenvolver melhor quando recebe mais atenção, nos preocupa que tipo de atenção esta criança está recebendo, ou mesmo, se está recebendo. Pois a mesma afirma “brigar” para que seu filho consiga se desenvolver.

Na sétima questão, interrogamos: Você acha que quando a família participa mais da escola a criança se desenvolve melhor? Por quê? Algumas repostas obtidas:

Sim, se desenvolve melhor. É muito importante a participação da família na escola né. (Rosa).

Consegue, porque fica por dentro de tudo né... se ela tá se comportando, se tá fazendo as tarefas. (Flor).

Sim, porque ela fica gostando mais. (Violeta).

Sim. Porque eu acho que ele ver a gente lá e fica feliz né. (Azaleia)

Sim. Porque incentiva mais a criança e a criança se preocupa mais em aprender. (Dália).

Chamamos atenção aqui, para a maneira como a família pode participar na escola, como designa o artigo 205 da Constituição Federal (BRASIL, 1988): “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família [...]”. Sabemos que a educação vai muito além de aprender os conteúdos em sala de aula, ela

compreende valores sociais e culturais, os quais precisam ser ensinados e incentivados por todos que fazem parte do convívio da criança.

Portanto, o desenvolvimento de nossos alunos bem como a participação da família na escola precisa estar centrado em promover para as crianças, situações em que possam aprender e conhecer valores que vão além do currículo escolar. Como nos aponta Carvalho (2004, p. 45):

Por outro lado, para os pais/mães, interessar-se pela educação dos filhos e filhas não significa cuidar apenas da parte acadêmica, isto é, do sucesso escolar, pois a educação, do ponto de vista da família, comporta aspectos e dimensões que não estão incluídas no currículo escolar.

Como já foi abordado anteriormente, a relação família e escola é essencial para o bom desenvolvimento das crianças. Porém, chamamos atenção para a seguinte reposta:

É, tem caso que sim, tem caso que não. Eu acho que... tem gente que se for todo dia, como a gente vai ajudar, mas acho que é errado quando as mães ficam na sala, né? Porque, por exemplo, meu pequeno, agora que tá se acostumando, mas antes quando ele via as outras mães na sala... eu acho que ele ficava inseguro de ficar sozinho lá. Ai as mães ficavam lá, tipo, ficavam atrapalhando, né? Então eu acho que depende de como a família vai participar, né? (Acácia).

A resposta de Acácia sugere que entendamos que é necessária a participação da família na escola, porém, com limites, para não atrapalhar o andamento das atividades, pois algumas famílias precisam entender que na escola há regras, e algumas ações exercidas pelas famílias podem vir a prejudicar o cumprimento do papel da escola.

A referida mãe afirma ter presenciado situações em que um pai/responsável tenta “atrapalhar” as regras seguidas pelos professores, como por exemplo, quando ela fala que acha errado “quando as mães ficam na sala, né?”. Portanto, para ela, “depende de como a família vai participar [...]”. Assim, a família também precisa entender que na escola existem normas que precisam ser seguidas, para garantia do melhor funcionamento da instituição.

Seguindo a entrevista, questionamos sobre o que elas entendem por “afetividade”. Muitas mães, embora tenham falado bastante de emoções,

sentimentos, de estímulos emocionais (positivos e negativos), não souberam falar sobre o assunto. Entendemos que o desconhecimento em relação à palavra citada pode advir da pouca escolaridade e pela não familiaridade com o termo. Onze das entrevistadas falaram que não sabiam de que se tratava e que poderiam até ter escutado falar sobre, mas preferiram não responder. Contudo, cinco delas responderam da seguinte forma:

Afeto, né? (Açucena).

É a atenção, o carinho. (Tulipa)

É tipo com família, né? é cuidar... acho que, tratar bem... ensinar. (Veronica)

É uma forma de carinho. (Dália).

Afetividade é um gesto de carinho, de amor e atenção que eu acho que devemos ter com os nossos filhos e também com as pessoas que estão ao nosso redor... com todo mundo mesmo. (Rosa)

Para essas mães, o termo afetividade está ligado a sentimentos e emoções positivas e pontuam conceitos como: carinho, cuidar, ensinar, amor, entre outros. No entanto, como já foi apresentada anteriormente, a afetividade é definida por Wallon (1986), como a maneira como nos afetamos, positiva ou negativamente, mediante algum estímulo. Neste sentido, é importante que esse tema seja trabalhado com a escola e a família, pois é preciso que seja explicado que tudo o que a criança vê e ouve, irá lhe afetar positiva ou negativamente, e interferirá em todo seu processo de desenvolvimento.

Para concluir a entrevista, foi perguntado sobre a importância que elas viam na escola. Demonstraram reconhecer a importância da escola, mesmo que treze delas tenham deixado a escola cedo, não concluindo sequer, o Ensino Fundamental.

Henrique Paro (2000, p.42) ressalta: “O ‘vencer na vida’ associado à aquisição de um emprego parece estar por trás de quase tudo o que se apresenta como justificativa importante para o aprender e adquirir conhecimento”. Essa foi a principal questão encontrada nas respostas das mães. Elas afirmam entender que a escola é muito importante. No entanto, inferimos que elas querem que seus filhos estudem e consigam realizar sonhos que elas não conseguiram, como o de se formar em algo e conseguir um bom emprego. Pois, por viver na realidade estudada, podemos afirmar que para as pessoas que moram na zona rural, onde há pouca ou

nenhuma opção de “crescer”, a única saída é o estudo. Veja algumas das repostas obtidas:

A escola é muito importante. É onde a criança aprende a se relacionar com outras pessoas... com pessoas diferentes do convívio dela normal, em casa. E aprende a ter o seu próprio espaço, saber onde e quando o seu espaço termina e quando o do outro começa... e também... saber respeitar os colegas. (Rosa)

Pra mim é muito importante, porque é onde ensina tudo... a ser educado... as maneiras de viver. (Violeta).

É muito importante pra mim, porque, assim... se não fosse a escola eu acho que ele não tinha aprendido até hoje... ele ta aprendendo a ler... e se empolga muito pra ir pra escola... de manhazinha já diz “mãe veste logo minha farda”, ai já fica esperando o ônibus. Eu acho legal a escola. (Azaleia).

É tudo né, porque é lá que ele vai aprender e conseguir tudo né. e educação é tudo. A escola é maravilhosa mesmo. (Angélica).

A escola é muito importante... muito importante porque hoje o estudo é tudo na vida da gente. A pessoa que tem o estudo hoje é tudo... eu acho que é tudo o estudo. (Íris)

Podemos perceber que as mães também relacionam a importância da escola para o desenvolvimento integral de seus filhos, quando falam que a escola pode ajudar a seus filhos a aprenderem a se relacionar com as outras pessoas, adquirir educação e as maneiras de viver no mundo, bem como, a educação formal, exigida pela sociedade.

Mediante às respostas das professoras e das mães, vimos que tanto as professoras, quanto as mães, compreendem que a afetividade influi no desenvolvimento de suas crianças. Pois, embora, dentre as dezesseis mães, onze não soubesse falar sobre o termo “afetividade”, todas trouxeram em suas falas, aspectos que nos remete a emoções e sentimentos que coexistem na relação estabelecida entre as mães e os filhos e entre as professoras e os alunos, os quais consolidam o processo educacional e o desenvolvimento integral das crianças.

3.7 Teste do par educativo: o desenho fala

Quando se trata de estudar e entender a relação entre professor-aluno ou pais-filhos, é essencial que escutemos e trabalhemos com a “versão” das crianças

neste processo. É necessário escutar o ponto de vista das mesmas. Pois, quem seria melhor que elas, para dizer como se sentem?

Nesta perspectiva, na tentativa de atender ao objetivo específico “Reconhecer a afetividade na relação aprendente/ensinante a partir das projeções das crianças”, realizamos o Teste do Par educativo (TPE), já descrito anteriormente. “Como resposta à solicitação de desenhar um par educativo é possível a representação de uma criança com um adulto da família (pai, mãe, avós), de dois adultos ou mesmo de duas crianças.” (SAKAI et. al. 2012, p. 224). Testes projetivos, como esse, nos auxiliam a entender o ponto de vista das crianças. Seus sentimentos e emoções que colocam em alguma relação, são descritas de maneira lúdica, como por exemplo, por meio de desenhos.

Na avaliação que é feita nesse teste, é levado em consideração, não só os desenhos, mas também, como a criança se comporta neste momento. Podem ser analisadas, as expressões faciais delas, a pressão que é posta no lápis, etc. Segundo Muñiz (1987), diante deste teste é possível analisar qualitativamente as particularidades dos personagens na cena desenhada. No entanto, como esta avaliação deve ser realizada por profissionais na área da Psicologia, optamos por levar em consideração, apenas as questões que nos remete a fala da criança, ou seja, pontos referentes à relação adulto/criança.

Para a aplicação do teste, entregamos para as crianças, uma folha A4, sem pauta, um lápis grafite e uma borracha, e pedimos para que eles desenhassem uma “cena”, a partir do seguinte estímulo: “Desenhe uma pessoa ensinando e outra aprendendo”. No desenho, analisamos as falas das crianças. A conversa que tivemos com elas, foi gravada e posteriormente, transcrita para análise. A faixa etária das crianças pesquisadas está entre 6 a 11 anos de idade.

Em uma sala silenciosa, íamos chamando, um por vez, cada criança. Assim, deixamos a vontade para que fizessem seus desenhos e depois conversamos sobre o que haviam desenhado. Perguntamos o nome dos personagens desenhados, alguns colocavam seus próprios nomes e usavam o nome da professora da sala. Outras davam um nome que gostavam ou um nome de um amigo. A seguir, apresentamos alguns resultados do TPE, os demais se encontram, na íntegra, no apêndice I (Desenho das crianças).

É relevante destacar que, mesmo o estímulo pedindo para que fosse desenhada uma pessoa ensinando e outra aprendendo, enquanto dezesseis

crianças desenharam um aluno e um professor/a, um dos alunos, cujo pseudônimo colocamos Bob², desenhou uma menina sentada e falou que ela aprende sozinha. Em seguida desenhou a gestora que, segundo ele, “veio gritar umas coisas que tá no quadro”. Veja a seguir, o desenho e a conversa que obtivemos com ele:

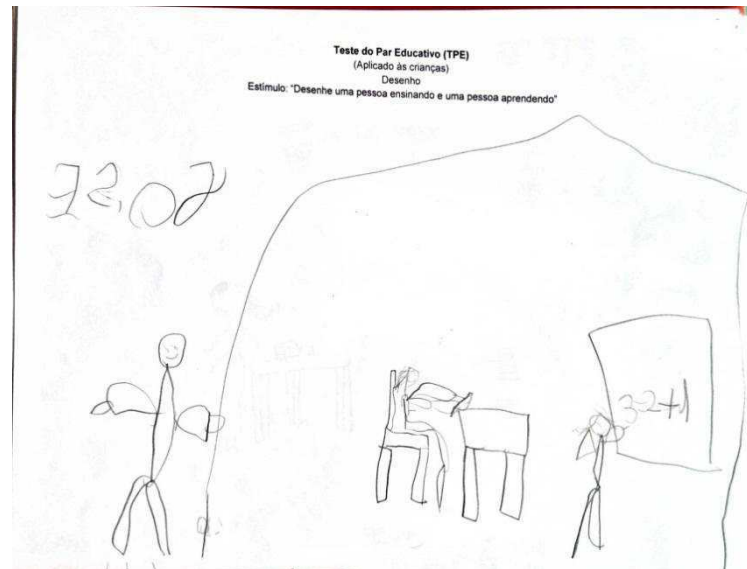


Figura 1: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Bob, 6 anos

Bob - “posso fazer sentado”? Porque ela tá fazendo matemática... eu vou fazer uma mulher, porque não sei desenhar homem não... porque não tem cabelo ai fica mais difícil...”

P³ - E a pessoa ensinando?

Bob - “não tem pessoa ensinando não... porque ela estuda sozinha... a menina gosta de fazer números... ela não gosta das outras coisas não...”

Bob - “como é o nome dos teus pais?... eu quero fazer eles aqui te esperando pra levar pra casa...”

P - O nome do meu pai é José.

Bob - “pois eu vou fazer ele aqui... ele é bem musculoso...”

P - Os teus pais vem te buscar?

Bob - “não porque eu vou de ônibus...”

P - Você gostaria que ele viesse?

Bob - “sim... porque ele é muito forte... mas eu moro longe, ai vou de ônibus mesmo.”

Bob - “vou desenhar a diretora... que ela veio na sala falar umas coisas e gritar esses números aqui”.

Alguns pontos neste diálogo nos chamam atenção, todavia, necessitam de maior aprofundamento, em outra pesquisa, para que possamos fazer as inferências com mais coerência sobre a relação professor/aluno. Neste momento, nos restam questionamentos. São eles: Quando Bob afirma não ter ninguém ensinando, perguntamos: como se dá a relação dele com a professora? Como ele a vê

² Utilizamos pseudônimos para nomear as crianças, preservando sua identidade.

³ Pesquisadora – (P)

enquanto autoridade em sala, já que nos parece que a intervenção da diretora em “gritar números”, atividade que Bob diz gostar em realizar, é mais evidente? Qual/is desejo/s latentes foram manifestados em relação ao seu próprio pai e projetados no pai da pesquisadora?

Chamamos atenção agora para o desenho de Florzinha e a conversa que tivemos com ela:

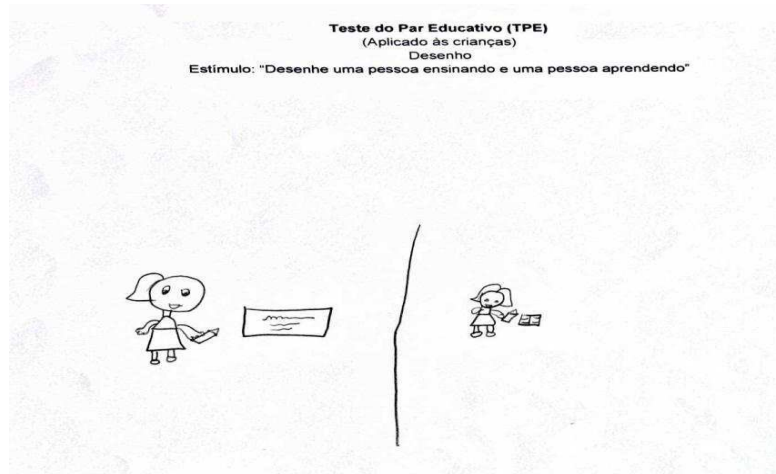


Figura 2: Teste do Par Educativo

Fonte: desenho realizado por Florzinha, 9 anos

Florzinha - *“pronto... o nome da pessoa que tá ensinado é Gabriela e da que tá aprendendo é Sara...”*.

P - Porque tu dividiu assim?

Florzinha - *“pra ficar mais bonito... porque ela... essa aqui tá ensinando... ai isso aqui é uma parede... e a outra estudando...”*

P - Gabriela e Sara gostam de vir pra escola?

Florzinha - *“gostam... elas vêm todo dia de manhã bem cedinho...”*

P - O que Sara mais gosta?

Florzinha - *“de aprender e estudar”*

P - E o que ela não gosta?

Florzinha - *“que os outros “impinjam” e ela não faz a atividade”*

P - Os outros impingem ela como? Dizem o que?

Florzinha - *“impijando ela... dizendo que ela é feia... que ela não nasceu os dentes”*.

P - E o que Gabriela mais gosta?

Florzinha - *“de ensinar”*

P - E o que ela não gosta?

Florzinha - *“a mesma coisa que Sara”*.

P - Sara gosta de vir pras comemorações da escola? Gosta de participar das atividades que é pra escola toda?

Florzinha - *“gosta... ela gosta de ler no microfone, lá fora...”*.

Neste, a criança desenhcou, detalhadamente, a professora e a criança, porém, ela fez uma parede entre elas que, segundo ela, serve para *“deixar o desenho mais bonito”*. No entanto, podemos analisar a “parede” desenhada como sendo uma barreira entre a relação que a criança estabelece coma professora.

Diante da fala de Florzinha, inferimos que a barreira desenhada (parede) pode estar sendo criada, mediante sentimentos advindos do *Bulling*, sofrido por ela e projetado através de Sara, quando diz que não gosta: “*que os outros “impinjam” e ela não faz a atividade*”. Ela possivelmente cria uma barreira de comunicação com as pessoas na escola. Mesmo afirmando ter uma boa relação com as outras crianças da sala, nos deparamos aqui com uma situação de violência verbal, a qual, mesmo partindo de um de seus colegas, pode e interferir no relacionamento de Florzinha com os demais colegas, corpo docente e demais funcionários da escola. Podendo ter interferência também, em seu convívio familiar.

Coelho (2013, p.35) ressalta:

A violência emocional pode não deixar marcas físicas, mas afeta profundamente a criança e não deixa que sua personalidade se desenvolva normalmente, trazendo graves danos ao seu desenvolvimento. Algumas crianças, quando são duramente criticadas, se entristecem e se fecham como forma de defesa, outras se tornam agressivas e desafiadoras.

Logo, a violência, verbal, emocional e psicológica, as quais configuram o *Bulling*, tem relação direta com a afetividade, na construção do desenvolvimento integral do indivíduo. No caso em estudo, a criança, se vê numa barreira psicológica (parede) que dificulta em sua interação com os outros.

Veja agora o desenho de Cinderela e o diálogo entre pesquisadora e pesquisado:

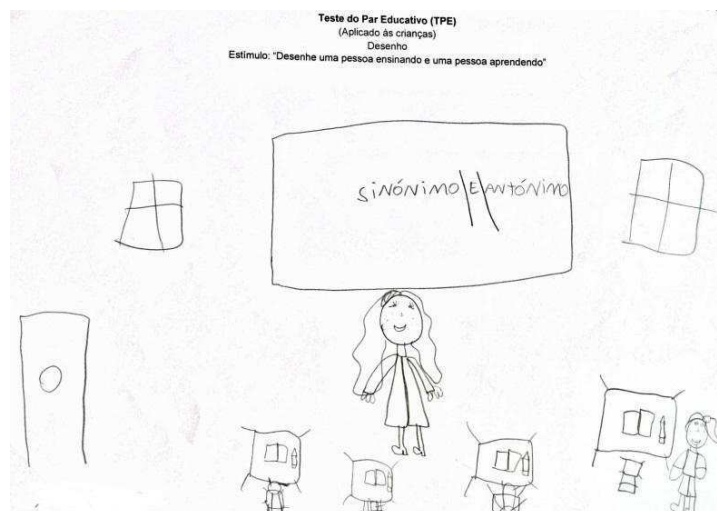


Figura 3: Teste do Par Educativo

Fonte: desenho realizado por Cinderela, 9 anos

Cinderela - *“Eu fiz uma professora e alguns alunos... o nome da professora é Monica... e o nome dessa aluna é Simone”.*

P - O que Monica mais gosta dessa sala?

Cinderela - *“ela gosta dos alunos”*

P - O que os alunos mais gostam?

Cinderela - *“eles gostam mais de aprender”.*

P - O que elas mais gostam de aprender?

Cinderela - *“o sinônimo e o antônimo... elas já sabem o que”.*

P - E como Simone vem pra escola?

Cinderela - *“o pai dela vem deixar ela”.*

P - E ela faz as tarefas de casa? Quem ajuda ela?

Cinderela - *“às vezes ela faz sozinha... outras vezes ela pede ajuda pra mamãe dela ou a tia dela”.*

P - Como são os alunos desta sala?

Cinderela - *“são quietos... prestam atenção... pedem para ir ao banheiro ou para beber água... fazem perguntas”.*

Cinderela - *“eita eu esqueci de fazer o baú da leitura... eu gosto de pegar livros lá e levar pra ler”.*

Pelo desenho de Cinderela, ela demonstra estabelecer uma boa relação com todos da sala. Ela representou uma professora muito alegre, ensinando um conteúdo que ela gostou de aprender (Sinônimo e Antônimo), indicando que o gosto por tal conteúdo pode ter vindo da maneira como foi apresentado pela professora, uma vez que a representou feliz em seu trabalho. Trouxe muitos detalhes. Desenhou mais de um aluno e afirmou que todos eram amigos.

Dando continuidade a análise, paramos para pensar: até onde a relação que estabelecemos em casa, com nossa família, reflete em nossa convivência na escola? Veja agora o desenho e a fala de Golias:

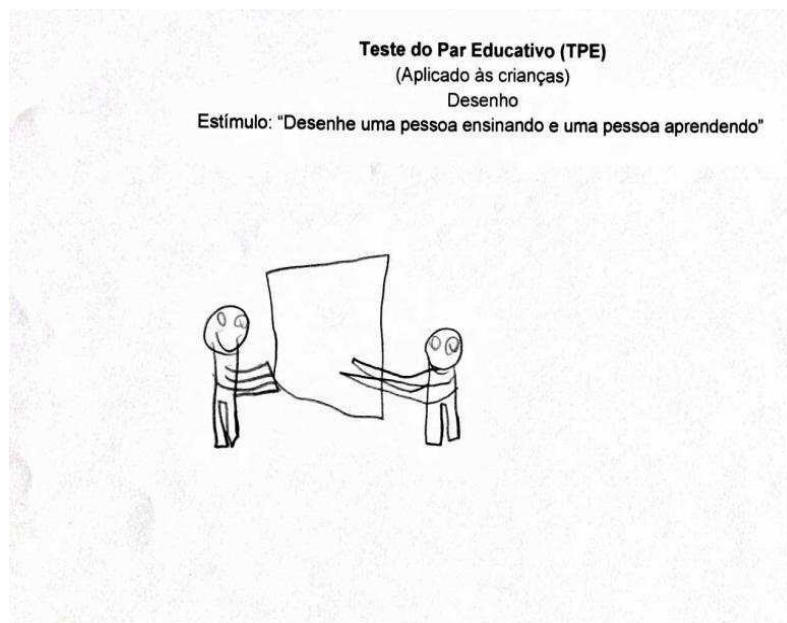


Figura 4: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Golias, 9 anos

Golias - *“já fiz... o nome do que tá aprendendo é Gabriel e do que tá ensinando é Joice”.*
P - O que Joice mais gosta na escola?
Golias - *“de brincar”.*
P - E o que Gabriel mais gosta?
Golias - *“de fazer zuada”*
P - E o que ele não gosta?
Golias - *“é de escrever.”*
P - Ele gosta de vir pra escola?
Golias - *“gosta... mais ele não vem todo dia não...porque não quer... ele tem preguiça”.*
P - O que Gabriel mais gosta em Joice?
Golias - *“de... de brincar...”.*
P - O que a professora faz que ele não gosta?
Golias - *“manda ele escrever”.*
P - Quando ele leva tarefa pra casa, ele faz sozinho?
Golias - *“é... acho que é”.*
P - Qual matéria ele mais gosta?
Golias - *“ele só gosta de matemática... porque é mais fácil que tem”.*
P - A mãe de Gabriel vem pra escola?
Golias - *“vem não... ele vem sozinho... no ônibus”.*
P - E como é o pai dele?
Golias - *“o pai dele briga com ele”*
P - Porque ele briga?
Golias - *“porque ele é ruim”.*
P - O que ele faz que é ruim?
Golias - *“ele briga com os outros.”.*
P - E o que Gabriel poderia fazer pra o pai dele não brigar?
Golias - *“ficar quieto”*
P - E porque ele não fica?
Golias - *“eu não sei dizer não”.*
P - O pai e a mãe dele brincam com ele?
Golias - *“só o pai dele... a mãe dele não gosta não...”.*

Em seu desenho, Golias não representou muitos detalhes. Ele fala que gosta da professora e ela também gosta dele. Porém, repetiu muitas vezes que o personagem desenhado não gosta de estudar, que ele só gosta de matemática *“porque é mais fácil”.*

Um ponto importante que ele fala e que nos chamou atenção é quando ele afirma que seu pai briga e bate nele *“porque ele é ruim”.* Porém, quando questionado o porquê ele não deixa de fazer as coisas para deixar de ser visto como “ruim”, ele diz que não sabe explicar. Destacamos aqui a questão que é muito comum entre as famílias, é quando os pais simplesmente batem nos filhos e brigam, sem explicar o motivo, sem dizer o porquê está brigando. Não estamos levantando a bandeira de ser a favor, ou não, de que os pais briguem com seus filhos, a questão é que os pais precisam entender que para a criança perceber que o que ele fez de

errado, é preciso que alguém diga e ensine as normas e valores adotados na família.. Mesmo afirmando que o pai bate nele, eles brincam juntos,

Analisando outro desenho, nos deparamos com mais uma possível situação de *Bulling*. Referimos-nos ao desenho de Jasmim, pois a mesma relata que um de seus colegas a chamou de “cabeluda...que tem cabelo assanhado”, e por isso, ela não brinca mais com ele, afirmando que é a única pessoa que ela “não gosta”, da escola. Vejamos o desenho e a sua fala:

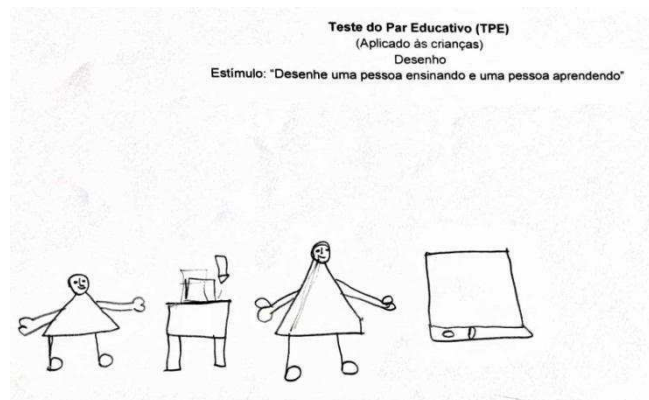


Figura 5: Teste do Par Educativo

Fonte: desenho realizado por Jasmim, 8 anos

P – Como é o nome da que tá aprendendo? E da que tá ensinado?

Jasmim – “a que tá ensinado é Nayara e a que tá aprendo é Lara”.

P – O que Lara mais gosta da escola?

Jasmim – “ela gosta de fazer tarefa”.

P – E o que não gosta?

Jasmim – “de brincar de correr”.

P – O que Nayara mais gosta da escola? E o que ela não gosta?

Jasmim – “ela gosta de escrever no quadro... de não que os alunos faça barulho”.

P – Com Lara vem pra escola?

Jasmim – “a mãe dela vem deixar ela”.

P – Ela gosta que a mãe dela venha?

Jasmim – “gosta muito”.

P – Lara gosta de brincar com as amigas? Ela tem muitas amigas aqui?

Jasmim – “ela gosta... ela tem muitas amigas”.

P – E tem alguma pessoa que ela não gosta?

Jasmim – “sim... tem um menino”.

P – O que ele fez pra ela não gostar dela?

Jasmim – “ele chamou ela de cabeluda... que tem cabelo assanhado”.

Jasmim nos faz pensar, mais fortemente, na questão do *Bulling*, uma vez que, não fez, em seus personagens, os cabelos. Vemos neste sentido, que ela tenta

deixar despercebido esse ponto, desenhando as cabeças bem pequenas e não coloca nenhum detalhe nelas. No entanto, em todas as vezes que perguntada sobre suas amizades, ela afirma que tem muitas amigas e se dá bem com todas.

Quando falamos em elementos que constituem a relação adulto/criança, bem como, o desenvolvimento das crianças, precisamos saber que esses tais elementos estão presentes em tudo que fazemos e que falamos. As crianças são muito perceptivas, elas prestam bastante atenção em tudo que falamos, sem que percebamos, e internalizam isso. Elas internalizam as preocupações da família, como também, seus desejos e felicidades.

Vejamos agora o desenho e a fala de Huck:

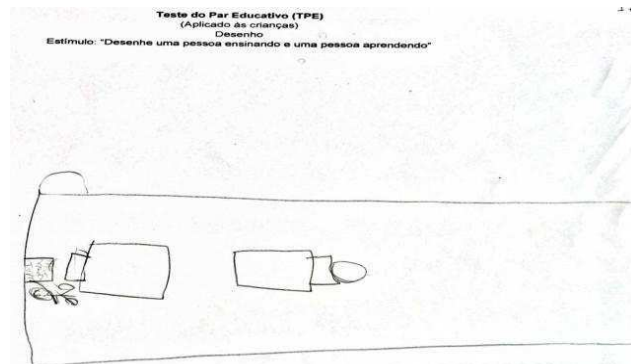


Figura 6: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Huck, 8 anos

Huck - “eu fiz uma sala de aula... essa aqui é tia Regina... é porque eu não sei desenhar direito não... e eu fiz um aluno, o nome dele é Artur”.

P - Eles gostam de vir pra escola?

Huck - “gostam... eles vem com os coleguinhas”.

P - O que tia Regina mais gosta da escola?

Huck - “de ensinar os meninos”.

P - E o que ela não gosta?

Huck - “de ver os meninos sem aprender”.

P - O que Artur mais gosta?

Huck - “ele gosta de brincar... estudar... também tem a hora de brincar e a hora de estudar”.

P - E o que ele não gosta?

Huck - “ele não gosta de pobreza... também não gosta de tristeza... mas sim de alegria”.

P - Por que ele não gosta de pobreza?

Huck - “porque se ele ficar pobre... a casa... é... a família dele não vai ter coisa pra se sustentar... nem comida... ele vai ficar morrendo de fome e de sede”.

P - E Artur, gosta de vir pra escola? Porque ele acha que é importante vir pra escola?

Huck - *“ele gosta... ele vem pra escola pra aprender... pra ficar inteligente... passar nos estudos... e depois se formar em alguma coisa”.*

P - A professora gosta das famílias dos alunos?

Huck - *“gosta... porque todo dia eles vem pra uma reunião e fica falando com eles e mostrando os vídeos que os colegas fizeram pras mães”.*

P - Tem alguma coisa na escola que os alunos não gostam?

Huck - *“tem... se a escola tiver, tipo... um portão assim... que eles consigam sair... lá pra o ar livre, onde tem mato... ai eles vão achar chato, porque... tem cobra, aranha, essas coisas... se não existisse nada desses animais, eles podiam brincar quanto quisesse... tinha mais espaço pra brincar”.*

Huck demonstra ser bastante emotivo, fala de sentimentos e desejos que tem para o futuro, como *“se formar em alguma coisa”*. Mas o que realmente nos chama atenção é quando ele fala que *“não gosta de pobreza... também não gosta de tristeza... mas sim de alegria”*. Supomos que ele passe, ou já passou, por alguma situação de necessidade e que não quer ver sua família nesta condição.

Ele fala ainda, do desejo de ter mais espaço para brincar na escola, uma vez que, segundo ele, há animais que moram no mato que rodeia a escola e o impedem de brincar lá fora. Relatando que *“se não existisse nada desses animais, eles podiam brincar quanto quisesse”*.

É importante lembrarmos que tudo o que as crianças representam em seus desenhos, precisam ser levados em conta. Pois alguns aspectos nos auxiliam para uma melhor compreensão da relação estudada, embora não seja o nosso objetivo aqui, como já dito anteriormente. Como por exemplo, a existências de armas, representação de faces expressando raiva, alegria ou tristeza, bem como, a ausência de boca. Como pode ser visto no desenho a seguir:

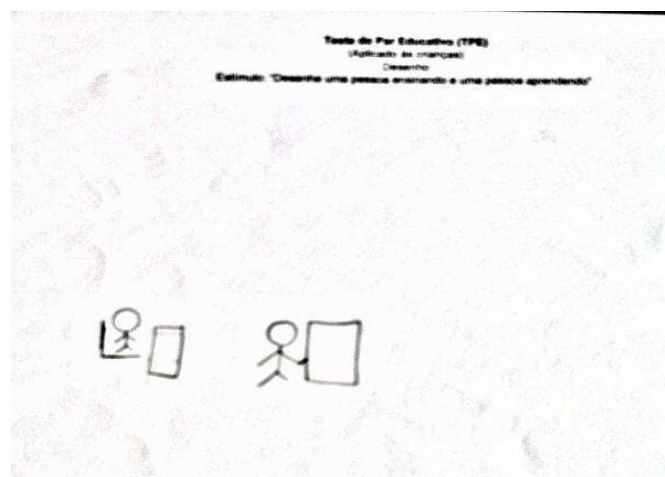


Figura 7: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Júlio, 9 anos

Podemos notar que a criança não desenhou nenhuma expressão nos personagens. A ausência de boca e ouvido pode nos indicar uma dificuldade de comunicação que a criança tem com a professora. Assim como, a inexistência de olhos, cabelos e outros detalhes que não foram representados no desenho.

Algumas crianças desenharam uma cena harmoniosa entre os personagens. Representaram um/uma professor/a sorridente, com muitos detalhes e afirmaram estabelecer uma ótima relação com suas professoras e com os colegas. Outras demonstraram que estavam bem tímidas. Fizeram desenhos muito simples e conversaram pouco. Responderam as questões de forma positiva, em relação ao gosto por estudar e pela professora. Os demais desenhos podem ser vistos no apêndice I.

Assim como nos fala Silva et. al, (2016,p.48):

A participação do aluno no processo de ensino aprendizagem vai além de somente cumprir tarefas e não lidar ou discutir o tema, o aluno é parte do Par Educativo e como tal necessita de uma vinculação saudável com a aprendizagem. Tratar a compreensão do Par Educativo é também possibilitar o estudo das vinculações que não obtém sucesso, das relações conflituosas e das dificuldades de aprendizagem que geram diferentes níveis de desinteresse e desistência de alunos que não conseguem estabelecer significação com a escola como espaço de aprendizagem.

Assim, diante da aplicação e análise deste teste verificamos que o processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes avaliado pela escola como da ordem cognitiva, encontra-se presente em situações de acolhimento ou rejeição, embora muitas vezes despercebido, na mediação afetiva entre crianças, entre adultos (demais profissionais da escola) e crianças, família e crianças, professores/as e crianças. Daí, reforçamos a importância de se estudar o papel da criança, assim como dos adultos envolvidos no processo de desenvolvimento das mesmas. Entendendo a relevância de se estabelecer uma relação positiva com nossos alunos, auxiliando em seu desenvolvimento integral. Dando significado a construção da aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim deste trabalho, conscientes de que esse estudo permanece inconcluso, uma vez que, para estudar a relação entre afetividade e ensino-aprendizagem, necessita serem entendidas as mudanças sociais, culturais e históricas do grupo pesquisado. Mudanças essas, que acontecem constantemente e interferem diretamente no comportamento e nos valores da sociedade, os quais também interferem na maneira dos seres humanos se relacionarem.

É pertinente destacar também que esse trabalho analisa a relação adulto/criança no contexto da zona rural. Sendo assim, levantamos a questão da necessidade de estudar como estas relações acontecem no ambiente urbano. Levando em consideração que o ambiente que a criança está inserida, bem como, as oportunidades de aprendizagem e conhecimentos que lhes são proporcionadas, são uns dos principais elementos que constituem e consolidam a relação adulto/criança.

Por meio do estudo realizado, podemos concluir que a mediação adulto/criança é constituída por diversos elementos, alguns são tão simples que podem passar despercebidos, mas que fazem grande diferença. Como é o caso de algumas expressões cotidianas, as quais chegam até a criança, de uma forma muito negativa. Quando a criança escuta, constantemente, que ela é “ruim”, como foi visto na fala de Golias, qual motivo esta criança terá para tentar ser melhor? Se nada que ele faça, seja visto como conquista, ou não seja reconhecido pela família e pela escola. Quais serão as perspectivas de futuro desta criança?

Na pesquisa realizada com as mães foi possível concluir e reforçar a grande importância que a participação da família na escola, pode trazer para o desenvolvimento das crianças. E que não importa somente a participação dessas famílias, mas sim, que esta relação com a comunidade escolar seja positiva, para que seja possível um trabalho conjunto, beneficiando as crianças.

No estudo que realizamos com as professoras, destacamos a necessidade de se entender e analisar as dificuldades no cotidiano desses profissionais. Sabendo da importância que carregam na vida da criança e entendendo que o desenvolvimento de seu trabalho é fundamental para processo integral delas, mediados pela construção da aprendizagem.

O ponto de destaque do nosso estudo foi o trabalho realizado com as crianças. Elas nos ofereceram oportunidade de crescermos e compreendermos mais sobre a nossa realidade profissional. Mostrando-nos o quanto ainda temos a

melhorar enquanto seres humanos, como também, em nossa prática profissional e na relação com nossos alunos. Mostrando que é preciso ir além do ato de chegar na sala de aula e trabalhar determinado conteúdo, pois todo o tempo que eles passam na escola, com todos que fazem parte dela, bem como, em casa, com suas famílias, pode determinar o indivíduo que será no futuro. E o que mais preocupa, é o percurso que essas crianças enfrentarão para chegar ao “futuro” que lhe espera.

Nesta perspectiva, e atendendo ao objetivo geral da pesquisa “Apreender e analisar as implicações da afetividade na formação da criança a partir da sua relação com a família e a escola”, notamos que, mediante a aplicação do TALP,

As palavras apresentadas pelas mães como mais importantes (Educação, União, Participação, Emoções, Cuidado e Base de tudo) e pelas professoras (Conhecer e Amor) nos remetem ao objeto de estudo da pesquisa, ou seja, vimos estas palavras estão intrinsecamente ligadas às relações que precisam ser estabelecidas entre a família e a escola, entre a escola e o aluno e entre a família e sua criança. Vemos que as mães possuem uma visão positiva de sua participação na escola, bem como, na convivência escolar de suas crianças. Citando palavras relevantes como União, Diálogo e Companheirismo, reforçam a ideia de que a relação afetiva entre família e escola é essencial para o desenvolvimento integral das crianças.

Quando procuramos analisar o papel do professor no tocante ao afeto com as crianças em sala de aula e verificar a abordagem da dimensão afetiva na formação docente (objetivos específicos), constatamos o quão importante é o afeto positivo, partido do professor para com seus alunos em sala. Pois o professor como mediador da aprendizagem, precisa entender e ajudar seus alunos na compreensão dos sentimentos e emoções que circundam as relações que elas estabelecem no ambiente escolar. No tocante a formação docente, verificamos a relevância da qualificação dos profissionais na área, uma vez que, necessitam proporcionar aos educandos, momentos de desenvolvimento e construção da aprendizagem, os quais só são possíveis mediante o conhecimento que o profissional tem para as necessidades de seus alunos, conhecendo cada etapa de desenvolvimento do indivíduo.

Conseguimos, ainda, identificar as implicações dos estímulos familiares em relação a aprendizagem de seus filhos (objetivo específico), diante da entrevista que realizamos com as mães, estas reforçam, em suas respostas, a ideia de que a

criança consegue sim, aprender mais quando recebe incentivo, atenção e carinho, pois como nos falou Violeta; “[...] *porque tendo mais atenção né, em casa ele pode aprender bastante, não só na escola.*”

E atendendo ao último objetivo específico, “Reconhecer a afetividade na relação aprendente/ensinante a partir das projeções das crianças”, percebemos que as crianças, embora não tenham total compreensão do termo “afetividade”, apresentaram em seus desenhos, muitos sentimentos e emoções que estão presentes na relação que estabelecem com suas professoras e seus colegas. Vimos que tanto a afetividade positiva quanto a negativa interfere no convívio diário dessas crianças, no entanto a afetividade negativa acaba por “ganhar mais força”, ou seja, acaba deixando marcar mais fortes, como por exemplo, as situações de *bullying*, vivenciadas por Jasmim e Florzinha, que interfere de forma muito negativa nas relações interpessoais que a criança estabelece na escola e na visão que tem de si mesma, interferindo diretamente em seu desenvolvimento.

Neste sentido, como aponta Freire (1996), pensar a relação entre afetividade e aprendizagem, nos faz refletir sobre nosso papel enquanto educador, repensando a importância de que o professor entenda que o lugar que ele ocupa em relação aos seus alunos não é apenas daquele que ensina, mas sim daquele que deixa marcas. Aquele que, de alguma forma, interfere no desenvolvimento integral daqueles indivíduos, contribuindo de forma significativa, positiva ou negativa.

Vale ressaltar que essas marcas também são deixadas por todos da família e da comunidade. Assim, vimos que quando todos se unem e se relacionam de forma positiva-ativa, faz e traz grandes diferenças para a formação da criança. Então, se nossos alunos/filhos vão levar algo de nós, que seja algo bom, que faça a diferença em seu futuro.

Enfim, consideramos este trabalho de grande relevância para a formação do professor e acreditamos que se faz necessário a ampliação da mesma.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. MAHONEY, Abigail Alvarenga (orgs.). **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ANDRADE, Maria Célia Milagre. **Afetividade e aprendizagem**: relação professor aluno. 2010. Rev Administradores.com. Disponível em:<<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/afetividade-e-aprendizagem-relacao-professor-e-aluno/44105/>>. Acesso em: 18 dez. 17.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Edições 70 Lda. 1977.

BAUER. Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In ____ **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático/ Martin W. Bauer; George Gaskell (editores); tradução de Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 189 – 217.

BORGES, Célio José. **Educação Física para o pré-escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 1987.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL/MEC. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 13. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 55 de 20 de setembro de 2007. Senado Federal. Disponível em: Acesso em: 25/05/18.

BRITO, Lillyanne Karla Rodrigues. LEAL, Fernanda de Lourdes Almeida. **Educação do campo e turmas multisseriadas**: formação docente e outras questões. (UFCG/Unidade Acadêmica de Educação). Campina Grande, 2016.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Modos de educação, gênero e relações escola-família**. Centro de Educação e Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre a Mulher e Relações de Sexo e Gênero – Universidade Federal da Paraíba. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03n121>. Acesso em: 25/05/18.

CHECHIA, Valéria Aparecida; ANDRADE, Antônio dos Santos. **O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar**. Estudos de Psicologia. Vol.10. Natal, 2005, p. 301 – 440. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/261/26110312/>. Acesso em: 25/05/18.

COELHO, Francisco Gilberto Alencar. **Bullying**: o fenômeno na escola. Centro de Ensino Superior do Ceará. Faculdade Cearense. Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/PED/BULLYING%20O%20FENOMENO%20NA%20ESCOLA.pdf>. Acesso em: 11/06/18.

FREIRE, Madalena. O que é um grupo?. In: ____ **Paixão de aprender**. Ester Pillar Grossi e Jussara Bordin (orgs). ed.7. Vozes, Petrópolis, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. **Docência, vida cotidiana e mundo contemporâneo**: que identidades e que estratégias de sobrevivência psicossocial estão sendo construídas? Educar em Revista (UFPR), n. 1, especial, 2003, p. 137-150.

FRESCHI, Elisandra Mottin; FRESCHI, M. **Relações interpessoais**: a construção do espaço no ambiente escolar. Interfaces Acadêmica, v. 8 - 2013.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil/. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. - (Educação e conhecimento).

GERHARDT Tatiana Engel. SILVEIRA Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Luciana Pereira de; SILVA, Ana Paula Soares da. **A relação entre a Educação Infantil e as famílias do campo**. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 19, Número 3, Setembro/Dezembro de 2015: 475-483. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n3/2175-3539-pee-19-03-00475.pdf>. Acesso em: 22/05/2018.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORALLES, Pedro. **A relação professor-aluno**: o que é, como se faz. Tradutor: Gilmar Saint'Calir Ribeiro. Edições Loyola. São Paulo. 1999.

MUÑIZ, Ana Maria R. **O desenho do par educativo**: Um recurso para o estudo dos vínculos na aprendizagem. Boletim da Associação Estadual de Psicopedagogos de São Paulo, 1987, 41- 48.

NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius. **As teorias de aprendizagem e suas implicações no ensino de sino de Matemática**. Maringá, v. 29, n. 1, p. 83-92, 2007.

NUNES, Maria Lúcia da Silva Nunes. Et al. **Vocação, missão, profissão**: a docência na visão de educadoras paraibanas (1935). João Pessoa, 2012. Disponível

em:http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/1.25.pdf. Acesso em: 21/05/2018.

OLIVEIRA, Denize Cristina de.; MARQUES, Sérgio Correia; GOMES, Antônio Marcos Tosoli; TEIXEIRA, Maria Cristina Trigueiro Veloz. Análise das Evocações Livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: **Perspectivas Teórico- Metodológicas em Representações Sociais**. Antonia Silva Paredes Moreira; (Org.). 1a.ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005, v., p. 573-603.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000.

PAROLIN, Isabel. **Afetividade X aprendizagem**. Canal Sala dos Professores. Série: Aprendizagem na berlinda. 24 jan. 2015. (10:08 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T8XaWEDWURQ>. Acesso em: 12 set. 2017.

PERRENOUD, Phillipe. **Escola e Cidadania**: O papel da escola na formação para a democracia. Porto Alegre: Artmed, 2005.

POLONIA, Ana da Costa. DESSEN, Maria Auxiliadora. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**: relações família-escola. Psicologia Escolar e Educacional. Vol. 9, N 2. Brasília, 2005, 303-312. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12>. Acesso em: 16/06/18.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007

PIAGET, J. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

PINTO, Elza Rocha. **Conceitos fundamentais dos métodos projetivos**. Vol.17, Ágora, Rio de Janeiro, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, Maria Paula Ivens Ferraz Colares Pereira dos. **A relação entre pais e professores**: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. Universidade de Málaga. 2008. Disponível em: <https://riuma.uma.es/xmlui/bitstream/handle/10630/2549/17678213.pdf>. Acesso em: 21/05/2018.

RIBEIRO, Marinalva Lopes; JUTRAS, France. **Representações sociais de professores sobre afetividade**. Estudos de Psicologia, vol. 23, núm. 1. Campinas, 2006, pp. 39-45. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3953/395336320004.pdf>. Acesso em: 22/05/18.

RITTER, Gizelda Hahn do Nascimento. **Os desafios da integração do conhecimento em turmas multisseriadas da zona rural**. Três Cachoeiras, 2010.

SALLA, Fernanda. **O conceito de afetividade de Henri Wallon**. 2011. Disponível em:<<https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>>Acesso em: 12 set. 2017.

SAKAI, Joana D'arc Marinho Corrêa. et al. **Desempenho escolar e a relação professor-aluno por meio do teste do par educativo**. Vol. 62, Boletim da Psicologia, São Paulo, 2012.

SILVA, Patrícia de Souza e. **A relação entre família e escola**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/PATRICIA%20DE%20SOUZA%20E%20SILVA%20A%20relacao%20entre%20familia%20e%20escola.pdf>. Acesso em: 26/05/18.

SAUD, Cláudia Maria Labinas Rancon. **Com a palavra, as crianças**: os sentimentos de alunos e alunas da 1ª série do Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação – PUC-SP, São Paulo, 2005.

SOUZA, Maria Ester do Prado. **Família/escola**: a importância dessa relação no desempenho escolar. Programa de desenvolvimento educacional PDE. Santo Antônio da Platina – Paraná, 2009.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem**: a relação professor - aluno. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.pdf>. Acesso em 21/05/2018.

TAZINAZZO, Karina. **O lúdico como estratégia de ensino nas aulas de educação física. 38 p.** Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Diretoria de pesquisa e Pós – Graduação – Campus de Medianeira. Curso de Especialização em Educação: métodos e técnicas de ensino 2012.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições, 1995.

_____ A atividade proprioplástica, IN: **Wallon**. São Paulo : Ed. Ática, 1986.

_____ **Psicologia e educação da infância**. Lisboa, Estampa.1975.

ANEXOS A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - I

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvida(o) por _____. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] por _____, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº _____ ou e-mail _____.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é _____.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada, questionários e testes projetivos. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es).

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Cajazeiras, PB, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____

Assinatura do(a) orientador(a): _____

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - II

Declaro, por meio deste termo, que concordei em permitir que _____ (NOME DA CRIANÇA), pelo/a qual sou responsável, participe na pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvida(o) por _____. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] por _____, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº _____ ou e-mail _____.

Afirmo que permiti sua participação por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é _____.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por ele/ela oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

A colaboração dele/a se fará de forma anônima, por meio de teste projetivo – Par Educativo. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es).

Fui ainda informado (a) de que a criança pode se retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para seu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Cajazeiras, PB, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) do responsável pela criança: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____

Assinatura do(a) orientador(a): _____

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

(Aplicado à direção da escola)

1. Qual sua formação? Quanto tempo de formação? E há quanto tempo atua no cargo?
2. Quantas pessoas atuam na escola? Existe uma pessoa responsável exclusivamente pelo acompanhamento pedagógico?
3. A escola dispõe de projetos e programas institucionais? Quais?
4. Quais programas do governo federal chegaram ao seu município?
5. Quantos alunos são atendidos na instituição que são da zona rural?
6. Quantos professores que aqui trabalham são da zona rural?
7. Existe programa de formação continuada? Explique
8. Em seu município, existem orientações municipais formalizadas para educação do campo? Se positivo, quais?
9. As crianças chegam à escola utilizando que transporte?
10. Quantos pais ou responsáveis?
11. Quais as principais fontes de renda das famílias atendidas nesta instituição?
12. Existem crianças com necessidades especiais? Se positivo, quais?
13. Existe alguma especificidade no município que interfere no calendário escolar? Comente.
14. Quantidades de sala de aula? Séries/ano?
15. Quais os outros espaços que tem na escola? (sala de professores, pátio, direção, secretaria, biblioteca, banheiros, cozinha, lavanderia, dispensa, almoxarifado, portaria, sala de informática).
16. Como é a relação família e escola? (reuniões, festividades, o acesso da família ao ambiente escolar).
17. Quais os pontos positivos e negativos do atendimento às crianças na zona rural?

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO I

(Aplicado às Professoras)

1. Pseudônimo: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: _____
4. Estado civil: _____
5. Religião: _____
6. Formação: _____
7. Efetivo () Contratada ()
8. Graduação: () Sim () Não. Qual? _____
9. Ano de conclusão? _____
10. Especialização: () Sim () Não. Qual? _____
11. Mestrado: () Sim () Não. Qual? _____
12. Doutorado: () Sim () Não. Qual?

13. Tempo de atuação no magistério:

14. Tempo de atuação nessa escola:

15. Qual sua renda salarial?
() Menos de 1 salário mínimo
() Entre 1 e 3 salários mínimos
() Entre 4 e 6 salários mínimos
() Mais de 7 salários mínimos.
16. Você tem outra renda salarial? Se sim, em que função?

17. Caso você não fosse professora qual a profissão que gostaria de exercer?
Por quê?

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO II

(Aplicado aos Pais ou responsáveis)

1. Pseudônimo: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: _____
4. Estado civil: _____
5. Religião: _____
6. Formação: _____
7. Quantidade de filhos: _____
8. Qual sua renda salarial?
 - () Menos de 1 salário mínimo
 - () Entre 1 e 3 salários mínimos
 - () Entre 4 e 6 salários mínimos
 - () Mais de 7 salários mínimos.
9. Profissão/ocupação: _____

APÊNDICE D

TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS – TALP I

(Aplicado às Professoras)

1. O que lhe vem à mente quando você ouve a expressão “Relação professor/aluno”?

() _____	() _____
() _____	() _____
() _____	() _____

2. Enumere por ordem de importância. Justifique a que você atribuiu o número 1.

APÊNDICE E
TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS – TALP II

(Aplicado aos Pais ou responsáveis)

1. O que lhe vem à mente quando você ouve a expressão “Relação família/escola”?

() _____	() _____
() _____	() _____
() _____	() _____

2. Enumere por ordem de importância. Justifique a que você atribuiu o número 1.

APÊNDICE F

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I

(Aplicado às Professoras)

1. Você acha que a relação afetiva do professor para com o/a aluno/a contribui com a aprendizagem dele/a? Relate.
2. Você utiliza alguma estratégia para trabalhar a afetividade entre alunos? Se positivo, quais? Se negativo, por quê?
3. Como é sua relação com as famílias da criança? Comente.
4. Você acha que a família contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança? Como?
5. Você costuma procurar a família da criança? Em quais momentos? E como é a receptividade?
6. Quantas crianças têm em sua sala de aula? Quantas você considera que tem maior desempenho escolar? Por quê?
7. Você acha que quando a criança recebe mais atenção a aprendizagem dela é melhor? Por quê?
8. Você acha que quando a família participa mais da escola a criança se desenvolve melhor? Por quê?
9. Para você, o que é afetividade?
10. Quando você reconhece que uma criança está se desenvolvendo bem cognitivamente?

APÊNDICE G

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II

(Aplicado aos Pais ou responsáveis)

1. Quanto tempo seu/sua filho/a estuda aqui?
2. O que você acha da professora do/a seu/sua filho/a?
3. Você costuma vir à escola? Quando? E como é recebido por eles?
4. Como é sua relação com as pessoas que trabalham na escola? Comente.
5. Você acha que a família contribui para a aprendizagem da criança? Como?
6. Você acha que quando a criança recebe mais atenção a aprendizagem dela é melhor? Por quê?
7. Você acha que quando a família participa mais da escola a criança se desenvolve melhor? Por quê?
8. Para você, o que é afetividade?
9. Qual a importância da escola para você?

APÊNDICE H

Teste do Par Educativo (TPE)

(Aplicado às crianças)

Desenho

Estímulo: “Desenhe uma pessoa ensinando e uma pessoa aprendendo

APÊNDICE I

Desenhos das crianças

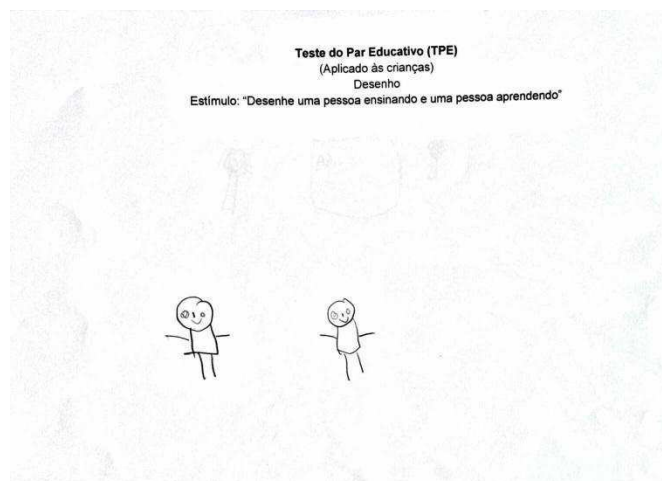


Figura 8: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Mickey, 6 anos

Mickey - *“eu não sei desenhar não tia... mas vou tentar viu...”*.

Mickey - *“a que tá aprendendo é... vai ser Júlia... e quem tá ensinando é um menino... o nome dele é João... porque eu gosto desses nomes...”*.

P - João tá ensinando o que pra Júlia?

Mickey - *“Não sei... não ei nada disso... nunca estudei isso não... eu só sei que eles estão estudando na escola... eles vem todo dia...”*

P - E Júlia vem todo dia também? Agora bem cedinho e gosta de vir?

Mickey - *(risos) “eu fico com preguiça...”*.

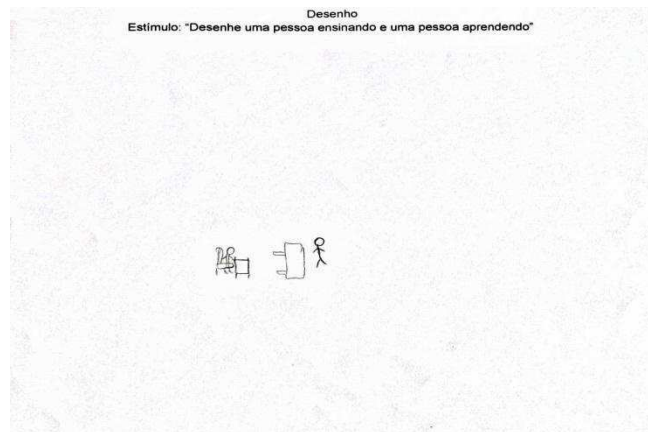


Figura 9: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Sid, 11 anos

Sid - *“eu fiz duas mulheres... uma professora e uma aluna... o nome da professora é Maria... e a aluna é Jessica.”*

P - *O que Maria mais gosta na escola?*

Sid - *“de estudar”.*

P - *E tem alguma coisa que ela não gosta?*

Sid - *“de brincar”.*

P - *E Jessica gosta de estudar?... de fazer as tarefas de casa?*

Sid - *“gosta... ela faz sozinha, porque ela é muito inteligente... mas as vezes precisa da ajuda da mãe dela”*

P - *Como é essa sala que você desenhou?*

Sid - *“ela é muito em silêncio... ela gosta dos alunos dela... gosta de brincar... gosta de fazer tarefa... porque tem a hora de estudar e tem hora de brincar”.*

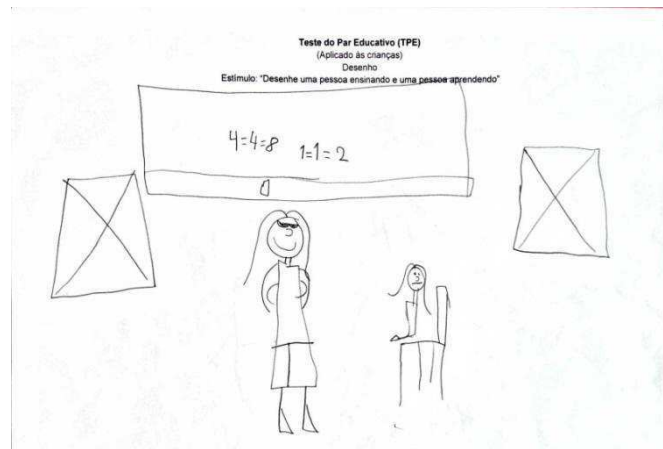


Figura 10: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Ariel, 6 anos

Ariel - “*Vou desenhar duas mulheres viu?... eu gosto de desenhar mulheres porque gosto das roupas... vou desenhar ela sentada e prestando atenção viu... a professora que eu fiz é Elza e a aluna é Ana Júlia. A professora gosta da aluna... gosta de ensinar e gosta de aprender...*”.

P - E o que elas estão aprendendo?

Ariel - “*é matemática... ah espera aí, vou fazer uma continha que tia ensinou lá na sala... $4+4=8$ e $1+1=2$... a professora gosta de aula para os alunos dela*”.

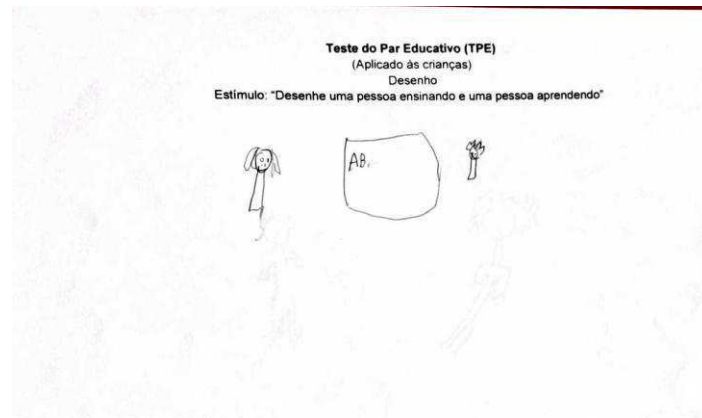


Figura 11: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Batman, 6 anos

P - Pronto? Seu desenho tá pronto ou falta alguma coisa?

Batman - *“eu acho que tá pronto... eu fiz a professora, o nome dela é Maria... e fiz um aluno estudando, o nome dele é Eduardo...”*

P - O que é que Maria faz que Eduardo não gosta?

Batman - *“que é Eduardo não desenhe... porque ela diz pra ele não desenhar na hora da aula”.*

P - E o que ela faz que ele gosta?

Batman - *“que deixe ele desenhar”*

P - Fala um pouquinho sobre esse desenho.

Batman - *“Eduardo gosta de vir pra escola, todo dia e Maria também... o que eles mais gostam na escola é aprender a ler”.*

P - Tem alguma coisa na escola que eles não gostam?

Batman - *“tem não.”*

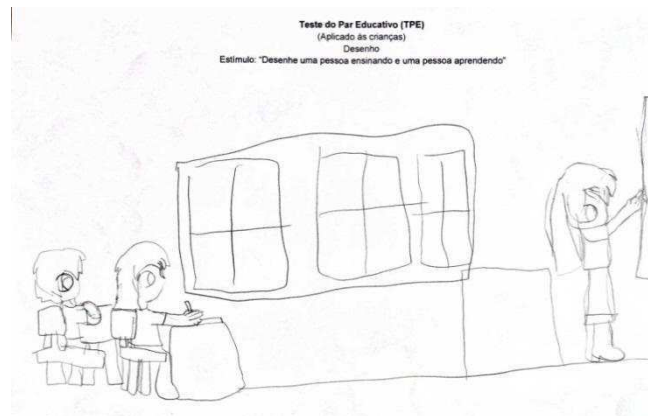


Figura 12: Teste do Par Educativo

Fonte: desenho realizado por Jerry, 9 anos

Jerry - *"o nome da professora é Lara... ai eu fiz dois alunos... os nomes deles é Jaque e Caio".*

P - Eles gostam de vir pra escola?

Jerry - *"gosta... quem não gosta né..."*.

P - O que essas crianças mais gostam na escola?

Jerry - *"das tarefas de português".*

P - E tem alguma coisa que elas não gostam?

Jerry - *"tem não... eu acho".*

P - O que a professora Lara mais gosta da escola?

Jerry - *"de matemática".*

P - E o que ela não gosta?

Jerry - *"de português... é engraçado porque todo mundo quer português e ela só quer tarefa de matemática."*

P - Fale um pouquinho dessa sala.

Jerry - *"bom, ela é silenciosa... mas tem um menino que faz muito barulho, o nome dele é Vilemar... a professora vive reclamando com ele e ele não aprende".*

P - E as famílias dessas crianças vem pra escola?

Jerry - *"vem... no dia das mães".*

P - O que tem nesta sala que é mais divertido?

Jerry - *"o recreio".*

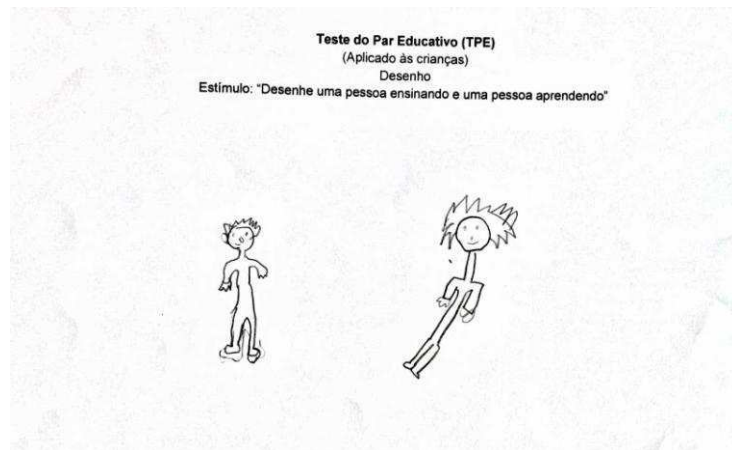


Figura 13: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Nemo, 8 anos

P - Onde eles estão aprendendo?

Nemo - *"na sala de aula".*

P - Como é o nome deles?

Nemo - *"tipo dos nossos amigos?" Sim... "esse aqui vai ser Joalison... e a professora é tia Alzira..."*

P - E tia Alzira gosta de ensinar a Joalison?

Nemo - *"gosta... até de nós... ela vem pra escola todo dia, só que no dia que Lêlé tá doente ela não vem não... porque ela vai pra o doutor..."*

P - E Joalison gosta de vir pra escola todo dia? De acordar cedo...

Nemo - *"gosta... e eu também gosto..."*

P - O que Joalison mais gosta na escola? E o que ele não gosta?

Nemo - *"o que ele mais gosta de desenhar cavalo... e o que não gosta é... é do que Gabriel gosta... de luta".*

P - E o que Alzira mais gosta? E o que ela não gosta?

Nemo - *"ela gosta de ensinar... ela não gosta é de que nós risque o cadernos todinho".*

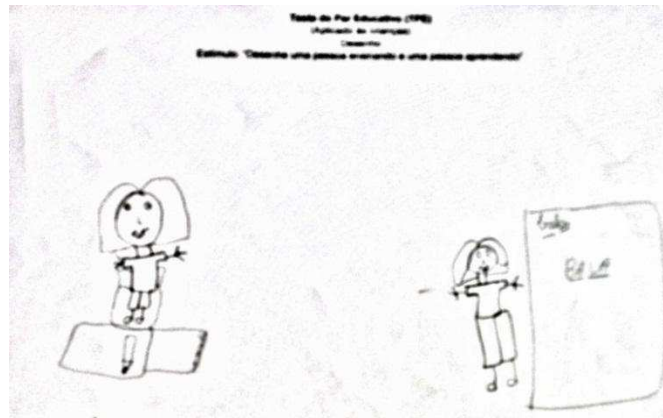


Figura 14: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Mulan, 8 anos

Mulan - *"eu fiz duas meninas, na sala de aula... o nome da professora é Luiza e da aluna é Laura".*

P - O que Laura mais gosta na escola?

Mulan - *"ela gosta de brincar".*

P - E o que ela não gosta?

Mulan - *"de ir pra o castigo".*

P - O que é que Luiza mais gosta na escola? E o que ela não gosta?

Mulan - *"ela gosta de ensinar... e ela não gosta de brigar com os alunos".*

P - Como Laura faz as tarefas de casa?

Mulan - *"ela faz... algumas vezes só e outras... a mãe dela ajuda ela."*

P - O que Luiza tá ensinado pra Laura?

Mulan - *"ela tá ensinando a ler... mas ela já sabe".*

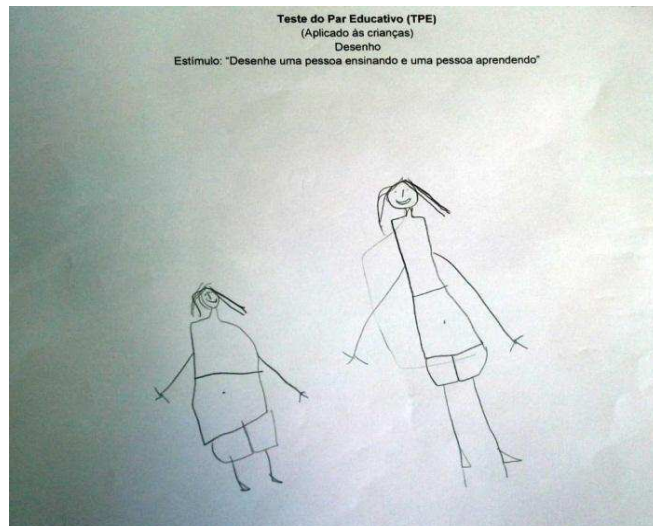


Figura 15: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Bela, 7 anos

P - Essa é a que ensina ou que aprende?

Bela - *"Essa grande de salto é que ensina e a pequena é que aprende... o nome da professora é Alzira e a outra é Júlia..."*.

P - Alzira gosta de ensinar? Ela é feliz na sala dela?

Bela - *"é... ela só não fica feliz quando os meninos fazem barulho né"*.

P - Por que Júlia é menor?

Bela - *"porque ela é uma criança que tem que aprender... elas estão de Boris"*

P - O que é Boris?

Bela - *"é uma roupa da moda...os cabelos delas são bem grandes... eu fiz Alzira de salto alto e Júlia de sapatilha, porque eu só sei fazer salto de gente grande não sei fazer pra criança não... que Alzira tem 21 anos e Júlia tem 6, entendeu"*.

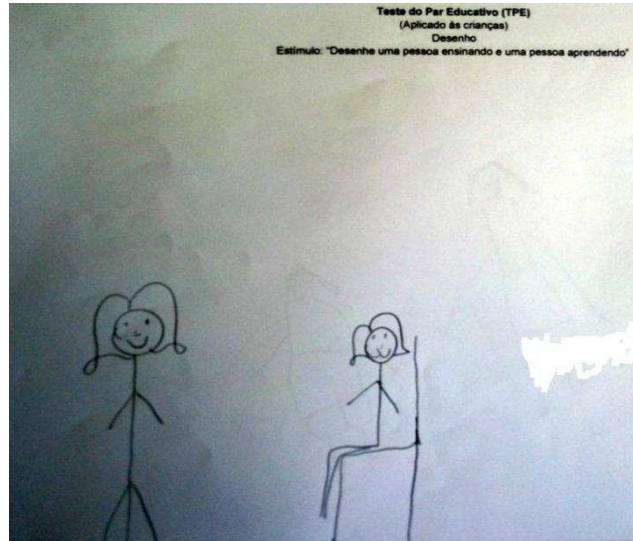


Figura 16: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Kiara, 8 anos

Kiara - *“eu vou fazer ela sentada, porque eu aprendi já... pronto tia, eu fiz duas meninas... é assim... Milena tá ensinando a Raquel”.*

P - O que Milena ensina a Raquel?

Kiara - *“ela ensinar... é... aula de português... de matemática...”*

P - O que Milena mais gosta?

Kiara - *“ah ela gosta de ver ela lendo...de ver ela ensinando alguma coisa para o outro... e compartilhar...”*

P - E o que ela não gosta?

Kiara - *“que ela faça mal pra outra pessoa...”.*

P - O que Raquel gosta?

Kiara - *“de ver ela ensinando... é.. ela ... ver ela tipo... ensinar uma prova... ela também não gosta que as outras pessoas façam mal pra outra pessoa”.*

P - E Raquel gosta de vir pra escola todo dia?

Kiara - *“gosta... que nem eu... hoje eu acordei de madrugada.”*

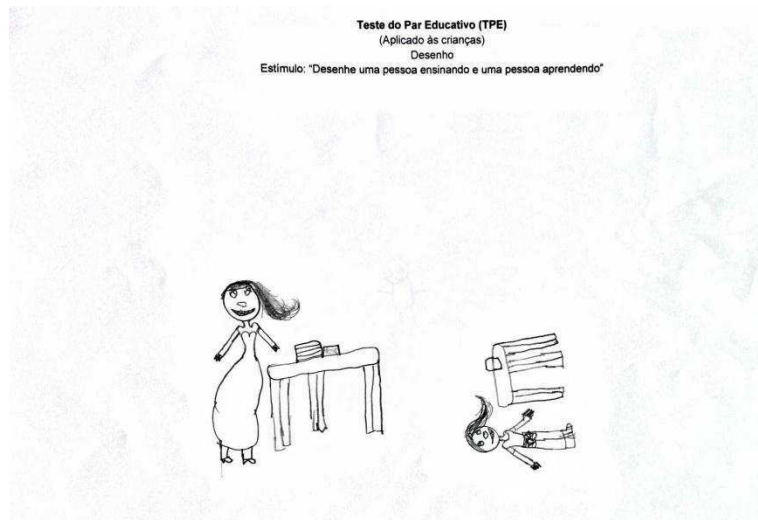


Figura 17: Teste do Par Educativo
Fonte: desenho realizado por Elsa, 8 anos

Elsa - *“a professora que eu tô fazendo é tia Alzira... e a aula é eu, Ana Luiza... Alzira gosta de ensinar, elas traz coisas boas pra gente... e Ana Luiza gosta de aprender e vir pra escola... elas tem cabelos lindos”*

P - O que Alzira faz que Ana Luiza mais gosta?

Elsa - *“ela me ajuda a ler”*

P - E o que é que ela faz que Ana Luiza não gosta?

Elsa - *“não deixa desenhar no quadro... mas elas gostam de ensinar e aprender”*